

**Universidade Federal de Goiás**  
**Faculdade de Artes Visuais**  
**Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado**

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM  
GOIÂNIA**

**Fabiana Alzira Ramos Nascimento**

**Goiânia/GO**

**2009**

**Termo de Ciência e de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TEDE) na Biblioteca Digital da UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo à Universidade Federal de Goiás – UFG a disponibilizar gratuitamente através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/UFG, sem resarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

- 1. Identificação do material bibliográfico:**  Dissertação  Tese  
**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autora:	<b>Fabiana Alzira Ramos Nascimento</b>			
E-mail:	<b>fabialazira@hotmail.com</b>			
Filiação	<b>Mauro de Souza Ramos e Adevanil M. de A. Ramos</b>			
Título	<b>ESEFFEGO: imagens do pioneirismo da Educação Física em Goiânia</b>			
Palavras-chave:	<b>Educação Física, ensino superior, corpo, imagens.</b>			
Título em outra língua:				
Palavras-chave em outra língua:	<b>Physical Education, Superior education, body, images.</b>			
Área de concentração:	<b>Educação e Visualidade</b>			
Número de páginas:	<b>128</b>	Data da defesa:	<b>01/06/2009</b>	
Programa de Pós-Graduação:	<b>Cultura Visual</b>			
Orientadora:	<b>Drª. Leda Maria de Barros Guimarães</b>			
E-mail: <b>ledafav@gmail.com</b>				
Co-orientador(a):				
E-mail:				
Agência de fomento:			Sigla:	
País:	UF:	CNPJ:		

**3. Informações de acesso ao documento:**

Liberação para publicação?<sup>1</sup>  total  parcial

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

Capítulo, especifique: \_\_\_\_\_

Outras restrições: \_\_\_\_\_

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(os) arquivo(s) em formato digital PDF desbloqueado da tese ou dissertação, o qual será bloqueado ante de ser inserido na Biblioteca Digital.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contento eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua publicação serão bloqueados através de procedimentos de segurança (criptografia e para não permitir copia e extração de conteúdo) usando o padrão do Acrobat Writer.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da autora

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

<sup>1</sup> Em caso de restrição, esta poderá

**Universidade Federal de Goiás**  
**Faculdade de Artes Visuais**  
**Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado**

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM  
GOIÂNIA**

**Fabiana Alzira Ramos Nascimento**

Dissertação apresentada à banca Examinadora da  
Faculdade de Artes Visuais da Universidade  
Federal de Goiás, como exigência parcial para a  
obtenção do título de MESTRE EM CULTURA  
VISUAL, sob a orientação da profª. Drª. Leda  
Maria de Barros Guimarães

**Goiânia/GO**

**2009**

## Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(GPT/BC/UFG)

## **Nascimento, Fabiana Alzira Ramos.**

N244e ESEFFEGO [manuscrito]: imagens do pioneirismo da educação física em Goiânia / Fabiana Alzira Ramos Nascimento. – 2009.

106f: il., color., figs.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leda Maria de Barros Guimarães.

**Facul-** **Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,**  
**dade de Artes Visuais, 2009.**

1

Bibliografia: f. 102-106.

1. Educação física - Ensino superior – Goiânia (GO). 2. Arte e educação. 3. Corpo e imagens. I. Guimarães, Leda Maria de Barros. II. Universidade Federal de Goiás, **Faculdade de Artes Visuais** III. Título.

CDU: 796:378(817.3)

**Universidade Federal de Goiás**  
**Faculdade de Artes Visuais**  
**Programa de Pós – Graduação em Cultura Visual - Mestrado**

**ESEFFEGO: IMAGENS DO PIONEIRISMO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM  
GOIÂNIA**

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Fabiana Alzira Ramos Nascimento

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leda Maria de Barros Guimarães  
**Orientadora e presidente da banca**

---

Professor Dr. Ronaldo Oliveira – (UEL)  
**Membro Externo**

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Raimundo Martins da Silva Filho (FAV/UFG)  
**Membro Interno**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irene Tourinho  
**Suplente do Membro Interno**

## EPÍGRAFE

**Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, seria como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. (I Coríntios, 13:1-2)**

## **DEDICATÓRIA**

**À minha família**

# AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Marcus Jary, com o qual inicio a construção de uma nova família, pelo amor e carinho demonstrados em todas as situações.

Aos meus pais Mauro e Adevanil, aos meus irmãos Marcos Aurélio, Adêvania, Hilton, aos meus cunhados e cunhadas: Ademir, Máximo, Walter, Márcia, Markele, Deane, Patrícia e Leandra, aos meus sobrinhos Ruan, Luiz Felipe e Ana Júlia, à minha sogra Ana Antônia.

À minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leda Maria de Barros Guimarães, pela inegável contribuição a este trabalho e pela confiança que depositou em mim desde o início.

Aos professores Raimundo Martins, Maurides Macedo, Irene Tourinho, Mirian da Costa, Raquel, pela presença constante e pelo carinho com que, cada qual à sua maneira, contribuíram para que eu pudesse trilhar este novo caminho.

Aos meus professores e colegas do Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, com os quais compartilhei momentos importantes.

Aos professores ativos e aposentados, funcionários e alunos da ESEFEGO, pelo grande auxílio dado a esta pesquisa.

Às minhas alunas do grupo de Ginástica Feminina, que também dividiram comigo os momentos felizes e aflitivos que sempre acompanham a elaboração de uma dissertação.

A todos os meus demais amigos pelo apoio constante.

# RESUMO

Este trabalho busca discutir quais as concepções de corpo dos alunos egressos da primeira turma de formandos da ESEFFEGO e que papel exerceram posteriormente, já como professores da instituição, na caracterização da Educação Física goianiense durante a década de 1960. Assim sendo, levando em consideração que os procedimentos metodológicos desta pesquisa privilegiaram os sistemas de sentidos e significados dos participantes da investigação, interessou-me também compreender as seguintes questões: quais elementos simbólicos compunham as concepções de corpo dos informantes desta pesquisa? Como as concepções de corpo dos alunos egressos da primeira turma se articulavam com os ideários de homem e de sociedade que sustentaram a cidade de Goiânia durante a década de 1960? De que forma as concepções e práticas desses alunos consubstanciaram a Educação Física como campo de conhecimento no ensino superior em Goiás? Espera-se, como resultado desta pesquisa dar visibilidade à construção de um ideário de corpo encontrado no curso de Educação Física na ESEFFEGO e as suas inter-relações com o contexto cultural e social da história do ensino superior na cidade de Goiânia.

**Palavras-chave:** **Educação Física, ensino superior, ideário de corpo, imagens.**

# ABSTRACT

This study aims to discuss which the body conceptions from egress students of the first graduation class from ESEFFEGO are and what role these newly graduated students had in the characterization of the Physical Education in Goiania during the 1960's. Therefore, taking in consideration that the methodological proceedings of this research privileged the senses and meanings systems of the subjects of this investigation, we were also interested in understanding the following questions: which symbolic elements composed the body conceptions of the subjects of this research? And more: how the body conceptions of the egress students from the first graduate class articulated with the conceptions of man and society that sustained the city of Goiania during the 1960's? And in which manner the conceptions and practices of these students consubstantiates the Physical Education as a field of knowledge in the superior education in Goiás? It is expected as result of this research the visibility of the construction of the body conceptions found in the Physical Education in ESEFFEGO and its inter-relations with the cultural and social context in the history of the superior education in the city of Goiania.

**Key words:** Physical Education, Superior education, body ideas, images.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>08</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	
<b>LUGAR DE ONDE EU FALO – ORIGEM DESSE ESTUDO.....</b>	<b>10</b>
<b>1</b> <b>ARTESANIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b> <b>ESEFFEGO: ESSA HISTÓRIA TEM NOME E ENDEREÇO.....</b>	<b>31</b>
<b>3</b> <b>EDUCAÇÃO DO CORPO: SAÚDE, HIGIENE, RAÇA E MORAL.....</b>	<b>62</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>CADERNOS DE IMAGENS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>116</b>

# INTRODUÇÃO

## O LUGAR SOBRE O QUAL EU FALO – A ORIGEM DESTE ESTUDO

A apreciação de diferentes imagens e a representação dos diversos corpos sempre me causaram forte influência. Para falar sobre isso, escolhi fazer uma pequena digressão e tecer algumas considerações a respeito de minha trajetória acadêmica até chegar à composição central do corpus desta pesquisa.

Assim, apesar do pequeno desvio, espero possibilitar a identificação do lugar sobre qual eu falo, de onde construo minha investigação, sem a pretensão de fazer um relato biográfico ou escrever uma história de vida.

Martins e Tourinho (2005) dizem que a história vivenciada e que contamos “aprofunda nossas afinidades em termos de questionamentos, preocupações e ideais profissionais e, de maneira mais ampla, nos conecta intersubjetivamente com colegas, professores, investigadores, autores e alunos.” (MARTINS e TOURINHO, 2005, p. 90).

Com base nas narrativas visuais que produzi para a disciplina Teorias da Cultura Visual no mestrado do Programa em Cultura Visual da FAV/UFG, essa atividade me estimulou propor para os alunos da disciplina Fundamentos Metodológico da Ginástica, na qual eu ministro para o primeiro período do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO/UEG)<sup>2</sup>, esse mesmo exercício, a narrativa visual teve como universo de investigação tanto a história da Educação Física no Estado de Goiás quanto a história de vida dos alunos.

---

<sup>2</sup> A ESEFEGO foi criada em 22 de outubro de 1962, abrigando apenas o curso de Educação Física. em 1994, com a criação do curso de Fisioterapia, foi acrescentado mais um “f” ao nome da instituição, que passou a ser grafado, portanto, como ESEFFEGO. Em 1999, a escola foi incorporada à recém-criada Universidade Estadual de Goiás (UEG), mantendo seu nome. portanto, a depender do período histórico, me reportarei neste trabalho tanto à ESEFEGO quanto à ESEFFEGO.

### Imagen 1



Imagen 1 - Trecho de narrativa apresentados pelos alunos do primeiro período de 2007 do curso de Educação Física.

As fotos que apresento acima, e outras que apareceram nos trabalhos dos alunos, alem de me remeter a minha formação anterior a graduação me despertou para outra questão: o ideário de corpo recorrentes encontrado nas narrativas sobre a História da ESEFFEGO, fatos que retratavam certo conceito de corpo que transparecia nas formas arquitetônicas e nos corpos que na sua maioria se encontravam com poucas vestimentas destacando os contornos musculares tanto dos professores como dos alunos.

Por associação mais imediata, a partir dos elementos empíricos do cotidiano da Educação Física na própria ESEFFEGO e na sociedade com um todo, não foi difícil perceber que o *modelo de corpo* recorrente nas narrativas estava presente ainda nos nossos corredores atuais.

## Imagen 2



Imagen 2 - Acervo da ESEFFEGO Dec.1960

Portanto, essa foto nos apresenta um fato interessante sobre o convívio social entre a população e o universo acadêmico do curso de Educação Física, o processo educativo que a instituição exercia sobre a cidade, por exemplo, o novo formato de se exercitar o corpo, a partir de novas metodologias de ginástica, pautada nos métodos científicos de ginástica que tinha como origem a Europa do século XIX, sobre esse assunto discutirei melhor no segundo capítulo, esse fato esse confirmava o motivo principal que se os idealizadores da Escola Superior de Educação Física de Goiás contraíram-na. Diante dessas observações feitas na pesquisa decidi buscar na história da ESEFFEGO fatos fizessem refletir melhor o passado no presente encontrado nas narrativas orais e visuais.

Para além do caráter investigativo característica do trabalho, acrescentei a essa proposta de construção de uma narrativa visual algumas experiências, tais como: 1) a aula sobre os métodos europeus de ginástica ministrada, no primeiro semestre de 2007, pelo hoje professor aposentado da ESEFFEGO Joaquim Rezende; 2) a leitura dos livros Raízes européias e Brasil, Corpo e Cultura, ambos escritos por Carmem Soares (2001); 3) visitas ao Museu Pedro Ludovico Teixeira; 4) visita à exposição Lavras e Louvores (2007), organizada pelo Museu Antropológico da UFG.

Na ocasião, iniciei um diálogo com os alunos sobre o espaço acadêmico, encarando a universidade da seguinte forma:

estejam bem preparados para interagir em contextos culturalmente plurais e híbridos; para reconhecer as instâncias ideológicas de dominação que determinadas formas culturais exercem umas sobre as outras; e para identificar como “construções” estéticas e pedagógicas, todas elas valorativas, são transmitidas como totalidades. Os jogos estéticos e pedagógicos são centrais no ensino de artes. ( GUIMARÃES, 2005, p.115)

Apesar de a autora centrar suas reflexões na formação de profissionais de Artes Visuais, acredito ser possível aproveitar suas idéias no contexto da formação de professores de Educação Física, naquilo que esses dois profissionais têm em comum: o trato com a cultura, mesmo com objetos diferentes.

A criatividade das narrativas visuais tanto na forma quanto no conteúdo, algo não muito comum para o cotidiano de acadêmicos do primeiro período do curso de Educação Física, já que o conjunto das representações sociais que legitimam a área está fortemente ligada a questões de ordem técnica, e não estética. O episódio levou-me a refletir sobre minha prática pedagógica e sobre certos componentes didáticos utilizados em minhas aulas.

Na apresentação das narrativas, alguns alunos se emocionaram ao se identificar, por meio da construção autônoma e consciente, com a história da Educação Física, além de e perceberem os entrelaçamentos entre a história de Goiânia e suas próprias histórias de vida. Nesse sentido, foi singular ter recorrido a um trecho da música Geração Cocacola de Renato Russo, para finalizar a sua narrativa: “[...] e nossa história não estará pelo avesso assim sem final feliz; teremos coisas bonitas pra contar; e até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer, não olhe pra trás, apenas começamos, o mundo começa agora [...]”.

Os trabalho dos alunos me remeteu à minha própria formação acadêmica, pois, desde os tempos de ensino médio, as estruturas metodológicas que fugiam do convencional

promoviam em mim uma aprendizagem mais prazerosa, na medida em que associavam os conhecimentos específicos de cada disciplina com o potencial didático dos espaços da vida pública: cinema, passeios ecológicos, museus, etc.

Essas situações de ensino traziam valiosas experiências estéticas – apesar da forte dose de informalismo com que eram tratadas nas escolas – e foram fundamentais para a composição do meu imaginário cultural e do cabedal de conhecimentos que levei para a minha prática profissional.

A experiência estética aqui desenvolvida não foi um acaso ela tem como função expressar a inter-relação entre vida e educação, o que me leva a pensar em autores como: Paulo Freire (1993) , Antonio Novoa (1995), Goodsson (1995), Boaventura de Sousa Santos (2000), João Batista Freire ( 1998). quando eles nos fala destas relações, começaremos com a fala de Freire que nos diz;

*Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte(...). Às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica e na experiência vivida na área da profissão. Fica de fora como algo sem importância a nossa presença no mundo. É como se a atividade profissional dos homens e das mulheres não tivesse nada que ver com suas experiências de menino, de jovem, com seus desejos, com seus sonhos, com seu bem-querer no mundo ou com seu desamor à vida. Com sua alegria ou com seu mal-estar na passagem dos dias e dos anos (Freire;1993;79,80)*

De outra forma, mas abordando a mesma questão Novoa (1995) nos diz que:

(...) A literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores; tratase de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação. O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor". (Nóvoa;1995,15,16,17)

Estamos no cerne do processo identitário da profissão docente que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor. Por isso.

(...) A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino:"Será que a educação do educador não se deve

fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?" (Laborit, 1992, p.55).

Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos eu e a profissão. E as opções que cada um de nós temos ao nos fazermos professores, nos quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa forma de ensinar a nossa identidade docente e de sujeito. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (Nóvoa; 1995, 15, 16, 17)

Dessa forma, entendi ser necessário, a partir dessa inquietação inicial, buscar na história certos fundamentos que ajudem a redescobrir o corpo educado, que é a base do objeto da Educação Física, ampliando o olhar do passado para o presente.

A história da ESEFFEGO começa em 1962, ano em que foi criada. Como a primeira escola de Educação Física do Centro-Oeste, foi pioneira na disseminação das idéias modernas de corpo e indivíduo na região.

Nesse processo de disseminação de uma cultura baseada na modernidade, destaque merecido deve ser dado à primeira turma de professores formados pela instituição, também pioneiros na disseminação de certo ideal de corpo e de educação corporal que ainda tem suas influências na atualidade.

As circunstâncias que até agora descrevi permitem vislumbrar a seguinte problemática: Quais as concepções de corpo dos alunos da primeira turma da ESEFFEGO e que papel esses egressos, atuando como professores, exerceram na caracterização da Educação Física goianiense durante a década de 1960?

A complexidade do problema aqui formulado sugere desdobramentos que me possibilitaram formulação de questões norteadoras do percurso investigativo deste trabalho.

Assim sendo, levando em consideração que os procedimentos metodológicos desta pesquisa privilegiam os sistemas de sentidos e significados dos participantes da investigação, interessei-me também em compreender as seguintes questões: Quais os elementos simbólicos que compunham as concepções de corpo dos informantes desta pesquisa? E mais: como as concepções de corpo dos alunos da primeira turma se articulavam com os ideários de homem e sociedade que o goianiense possuía na década de 1960? De que forma as concepções e práticas desses alunos consubstanciaram a Educação Física como campo de conhecimento no ensino superior em Goiás?

O percurso de continuidade e descontinuidade das concepções de corpo encetadas na Educação Física goianiense. Essa primeira iniciativa também me apresentou a primeira

dúvida: por que entender a história, a história da instituição, e dos professores?

Segundo Castellani Filho (2001), nos momentos de estabilidade não temos porque refletir sobre à história, estamos satisfeitos com o presente e com o consenso social. Todavia, em tempos de instabilidade precisamos visitar e compreender fatos importantes da história, porque o descontentamento com os fatos históricos e sociais do presente, nos inclina a rever o passado com o intuito de resolver os problemas do presente.

A resposta encontrada no autor me acalentou como um bálsamo, pois neste exato momento histórico, em que as novas tecnologias prometem a felicidade do arquétipo perfeito. Pertinente seria neste momento a seguinte reflexão:

O trato com o corpo no interior da medicina tem sido feito a partir dos parâmetros da técnica e da racionalidade que a sustenta, estruturada em todo período da modernidade e que, agora, parece atingir o seu ápice. Pode-se dizer que, atualmente, as pesquisas oriundas das ciências biomédicas têm trabalhado no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita (Silva, 2001 p. 53)

Pelo exposto acima, faz-se fundamental revermos nossos conceitos e representações acerca do corpo. No limite, as atuais representações de corpo, com sua ambição de perfeccionismo, têm colocado em risco a própria existência humana.

### Imagen 3



**Imagen 3** -Foto de Inezil Pena Marinho na praia de Copacabana, Rio de Janeiro (1946) - Capa do livro Marinho (2005)

Desta forma entendi ser necessário, a partir dessa inquietação atual, buscar na história, certos fundamentos que nos ajudem e redescobrir o corpo. Nesta foto o professor do professo Inezil Pena Marinho<sup>3</sup> está na tradicional posição do Discóbolo, símbolo da

Educação Física e da ESEFEGO. O Discóbolos é uma famosa estátua do escultor grego Míron - produzida em torno de 455 a.C - que representa um atleta momentos antes de lançar um disco. Esse movimento representa o corpo em seu momento de máxima tensão, esforço, porém, que não é refletido na face do atleta. Outras características dessa posição são a exposição harmoniosa dos músculos e a simetria das proporções corporais perfeitas. Além desses elementos simbólicos presentes na imagem o professor Inezil teve uma importante contribuição não só na formação desses professores pioneiros de Goiás mas também pela sua vasta contribuição estética e teórica para consolidação desse campo conceitual no Brasil. Confirmado esse ideário o professor Joaquim Rezende nos fala sobre a sua influência do professor na sua formação.

*Ele conhecia tudo sobre a educação física, ele era um pesquisador da área tanto é que o método, ele lançou no Brasil um método a partir da capoeira, foi o Inezil Pena Marinho que lançou o método esse método chamava Educação Física brasileira, só que não pegou porque a influência estrangeira no Brasil é muito forte. Alias, tudo que é estrangeiro é melhor, né? (risos) mais ele conhecia, conhecia a fundo, psicologia, filosofia, sociologia, ele conhecia tudo. Ele era um estudioso e fazia a prática, fazia os exercícios dele e praticava levantamento de pesos, naquela época se chamava levantamento de peso não era musculação. (entrevista concedida pelo Joaquim Rezende, 19/12/2008)*

Na tentativa de articular passado e presente, descobri que a história da ESEFFEGO começa anteriormente a sua inauguração que ocorreu no ano de 1963, constituindo-se assim a primeira escola de Educação Física do Centro-Oeste, pioneira portanto na disseminação dos ideias modernas de corpo e indivíduo aqui em nossa região. Nesse processo de disseminação de uma cultura baseada na modernidade destaque merecido deve ser dado à primeira turma de professores formados por esta instituição. Estes formados foram os pioneiros na disseminação de certo ideal de corpo e de educação corporal que ainda tem suas influências na atualidade.

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo.

“Histórias de vida” das escolas, das disciplinas e da profissão docente proporcionariam um contexto fundamental. A incidência inicial sobre as vidas dos professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre

escolaridade e currículo.” (Goodson;1995,75)

Sousa Santos ( 2000), também nos mostra a importância que assume o conhecimento de nós mesmos nesse processo de fazer ciência, o lugar de onde falamos, e também a quem falamos. [...] Chegamos ao final do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento do nosso conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. (Sousa Santos, 2000, p.71)

Outro educador e pesquisador, da Educação Física que nos fala sobre isso é João Batista Freire (1998), acrescentando sobre esta intima relação entre educação, formação e vida, portanto para ele: Antes que planejamos nossa vida, a vida nos planejou. Os professores são mais que livros que leram, os discursos que ouviram, as correntes pedagógicas que se impuseram. Os professores, quando falam, falam de suas vidas, falam aos nossos olhos, ouvidos e peles. O professor não planeja a aula, planeja a vida. (Freire; J. 1998)

Diante de todas essas falas a reflexão estabelecida me levam a Ivani Fazenda quando ela nos afirma que se olharmos com cuidado veremos que **só temos uma pesquisa na vida**. Pois, se observarmos por onde passou nossas preocupações, por onde nossos olhares fixaram, o que nos incomodavam e nos encantavam,veremos que estes “olhares e viveres” não mudaram tanto assim, mudam-se as paisagens, mas, talvez, ainda consigamos buscar em outras paisagens, as mesmas nuances, os mesmos matizes. Guimarães Rosa dizia, algo do tipo “que saímos do sertão, mas o sertão não sai da gente”. Carregamos feitos tartarugas impregnados em nossos cascos, as marcas/cicatrizes dos lugares, das pessoas, das vivências e convivências que vamos tendo ao longo da vida!Vivências estas que nos auto constrói!

Dada minha vinculação com a formação de professores, espero que este trabalho possa oferecer elementos históricos que contribuam para a formação dos alunos do curso de Educação Física da ESEFFEGO. Para ser mais precisa, espero ainda, ao estudar a contribuição dos alunos da primeira turma do Curso de Educação Física da ESEFFEGO na composição das representações de corpo a essa tão tradicional instituição de ensino superior em Goiânia, oferecer subsídios para um repensar do corpo no atual momento histórico de nossa sociedade.

Diante da envergadura do trabalho, foi necessário resgatar o início da minha caminhada e entender a necessidade de tamanho esforço. Assim, compreendemos que:

Os ideais que perseguíamos ainda permanecem grudados em nós. Tomamos outras formas, ganhamos novos nomes mas, no fundo, docência e investigação continuam sendo para nós uma questão de compromisso humano, ético, ideológico e político. (MARTINS e TOURINHO, 2005, p. 92)

Partindo desse entendimento do compromisso social com a docência, construo esta pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado Artesania<sup>3</sup> metodológica exponho o percurso metodológico escolhido para esta investigação científica, considerando a forma e conteúdo da pesquisa, ainda neste capítulo aponto os porquês das escolhas metodológicas, como por exemplo: o uso das imagens, os documentos e das entrevistas, além de apresentar os colaboradores da pesquisas, os entrevistados. No segundo capítulo, discorro sobre a trajetória da educação do corpo no contexto escolar bem, como a interferência disso para a formação dos cursos de Educação Física em Goiás e como esse modelo de educação engendrou certas formas de e representação do o corpo em nossa sociedade, em especial em Goiânia. No terceiro e último capítulo, investigo aspectos sobre a história da ESEFFEGO e sua contribuição para o ensino superior de Educação Física no Estado de Goiás. Além de dar evidência à história da referida instituição, discuto como determinados temas se cruzaram nesse processo histórico – como a concepção de corpo e o ensino superior no Brasil e em Goiás – com o intuito de responder à problemática levantada no trabalho, neste capítulo, as imagens apresenta com muita propriedade um pouquinho da história da formação de professores de Goiás e também como o corpo era idealizado.

---

<sup>3</sup> Nomeio esse caminho investigativo de ARTESANIA METODOLÓGICA pelo fato de sua construção ser semelhante a confecção de um artesanato. Artesania é a versão em espanhol de artesanato e a minha opção por ela deve-se pela sonoridade.

# 1 ARTESANIA METODOLÓGICA

## A pesquisa

De caminho a caminho a obra vai se construindo  
É como se fosse a construção de uma casa.  
Primeiro o alicerce – as leituras  
Depois em meio às massas, tijolos, fios, canos.  
As paredes vão se erguendo – de repente  
ela está lá, majestosa.  
Às vezes por algum erro,  
ela poderá ser refeita.  
Mas, na maioria das vezes,  
ela é apenas acabada.  
Então é o acabamento,  
que dá a ela toda a beleza imaginada.  
As cores, a textura, os gessos, as luzes, as janelas, as portas.  
Mas, nada teria importância se nela não morar alguém.  
Então é o seu dono dá a mágica da vida na pesquisa.

Fabiana Alzira

Diante do objeto já delimitado, e traçados os objetivos a serem investigados, a primeira tarefa metodológica a vencer é a definição do tipo de pesquisa mais adequado ao que foi proposto neste trabalho. Dadas as características desta investigação, optei pela pesquisa de abordagem qualitativa. No campo da pesquisa acadêmica, segundo LUDKE (1986), é cada vez maior a utilização das metodologias qualitativas. De qualquer maneira, o aumento da sua aplicação não significa dirimir as dúvidas sobre como desenvolver essa metodologia sem perder de vista os seus critérios de classificação.

Segundo FLUSSER (1999), a dúvida funciona como mediadora da elaboração de conhecimentos criativos e críticos. Desse modo, a sua função pode se desestabilizar a autenticidade e a certeza, ou seja, as certezas originais jamais serão as mesmas, porque o processo é irreversível. Mesmo as certezas iniciais já estão influenciadas pela marca da dúvida, que teve a função de parteira, e isso pode significar o fim de uma certeza ou o início de uma outra. Uma pesquisa qualitativa se distingue de outras abordagens por requerer uma inversão de foco.

Nessa seleção de pontos que distingue a pesquisa qualitativa vale a pena pensar que esse tipo de metodologia, onde o sujeito é o centro da pesquisa, e o seu cotidiano é valorizado. Podendo eleger como referência do processo como ele vê, elabora e conclui o seu próprio espaço de intervenção, isso possibilita uma troca bastante humanizada no próprio processo da pesquisa, abrindo espaço para um reelaboração de ambas as partes, tanto do pesquisador como dos pesquisados. (LUDKE, 1986, p. 12)

De fato, Sabemos que o nosso modo de ver o mundo, as coisas, todo isso está ligado a experiências vividas por cada sujeito. Desse modo, o trabalho científico tem uma tarefa bastante importante na academia, que é sistematizar o conhecimento de forma científica. Para que o conhecimento se torne científico um passo fundamental é construir uma metodologia científica, pois essa credencia os estudos para serem aceitos como ciência ou não. Nesse processo de edificação do método:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTTI, 1991, p. 79)

Os construtos axiológicos e conceituais inerentes ao corpo e à sua educação, marcados pela subjetividade dos depoentes desta pesquisa, estabelece íntima ligação com toda uma dinâmica de relações e práticas corporais da cidade de Goiânia, que, por sua vez, está interligada a um sistema maior de símbolos e significados herdados do processo histórico da Educação Física no Brasil.

Contudo, para além da centralidade do sujeito no processo de interpretação da realidade e na coleta de dados, é possível encontrar outras características que reafirmam esta pesquisa como qualitativa. Segundo LUDKE (1986), um desses elementos é o envolvimento do pesquisador com o cotidiano da pesquisa e, por isso, o período de tempo do pesquisador com o campo da pesquisa deve ser relativamente significativo. O ambiente pesquisado não deve sofrer manipulação do pesquisador para que haja, assim, uma naturalidade nas observações e na compreensão da particularidade dos comportamentos e das falas dos envolvidos na pesquisa. “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como uma fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento.” (LUDKE, 1986, p. 11).

Outro elemento diferenciador é a predominância do caráter descritivo dos dados. A visão dos sujeitos envolvidos na pesquisa é representada com o máximo de detalhes, no que diz respeito ao levantamento dos dados, as transcrições das entrevistas, as imagens, os registros de observações e os documentos catalogados. Isso porque a preocupação com o

processo e muito maior do que com o produto. Por isso esta pesquisa não se ocupou apenas de identificar o ideário de corpo dos pioneiros. A preocupação está também em entender como esse ideário interagiu com as relações e práticas corporais na cidade de Goiânia e com a Educação Física em Goiás.

Também há de se ressaltar que o significado que as pessoas dão às coisas e as suas vidas são focos de atenção especial do pesquisador. Por mais que apareçam nos depoimentos dos informantes dados que estabeleçam certa regularidade entre si, cada pessoa revela uma visão singular sobre o objeto. “pressupõe-se, pois, que elas as pessoas, têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.” (CHIZZOTTI, 1991, p. 83). Para além desse conhecimento prático, muitos entrevistados possuem conhecimentos culturais, intelectuais e políticos que merecem ser compartilhados por todos.

Considerando-se que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, nesse caso não se seguiu um padrão rígido e metódico, pois a importância principal não é provar hipóteses pré-definidas. O objetivo desta pesquisa é descobrir com profundidade como o objeto se apresenta em suas particularidades, a partir de uma investigação espiralada, na qual o conhecimento se constrói em todas as direções, de baixo para cima, de cima para baixo e de lado a lado. É o exame das fontes de pesquisa que irão fornecer elementos para responder ao problema formulado.

Das várias modalidades que uma pesquisa qualitativa pode assumir a mais pertinente para os propósitos desta investigação é o estudo de caso. Sabe-se que o termo estudo de caso vem de pesquisas médicas e psicológicas, com casos individuais que explicavam algumas patologias. No século XX, as ciências sociais e humanas incorporaram esse tipo de estudo para explicar situações que requeriam o aprofundamento de determinado fenômeno.

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. (GOLDEMBERG, 2000, p. 33)

Conforme Goldemberg (2000) o estudo de caso tem como característica um número considerável de informações, obtidas mediante diferentes técnicas de coleta de dados, sendo que a principal delas é a entrevista. Para a autora que esse tipo de pesquisa requer um mergulho no problema levantado para tentar respondê-lo, e para isso exige determinados procedimentos, como uma delimitação precisa do objeto, com o intento de

analisar melhor o recorte da realidade social em questão.

A prática dos estudos de casos tem a sua importância no âmbito acadêmico, pelo fato de o objeto, tratado como único, poder ser compreendido pela sociedade mediante o processo de generalização. Nesse processo, o sujeito visualizará a unidade em ação como um espaço amplo e complexo e poderá construir relações com outros casos que se assemelhem ao que foi estudado. Durante a definição do percurso metodológico deste estudo, foram vislumbrados vários tipos de pesquisas, porém, ao dialogar com a literatura, pude constatar que o estudo de caso seria o mais adequado, por possuir, com uma de suas características, o estudo de instituições escolares. Conforme afirma Ludke (1989):

o estudo de caso qualitativo ou naturalístico encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (LUDKE, 1986, p. 23 - 24)

A ESEFFEGO, como unidade dentro de um contexto maior, que é a cidade de Goiânia e, no limite à própria sociedade brasileira, mesmo com suas singularidades pode desvelar elementos que se fazem generalizáveis para o contexto social mais amplo. Esta citação reafirma o posicionamento:

O caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação. (CHIZZOTTI, 1991, p. 102)

Assentados os pressupostos teóricos que me permitiram decidir pelo estudo de caso, passo agora à descrição do delineamento da pesquisa. Segundo LUDKE (1986), a aplicação do estudo de caso ocorre em três fases: a primeira é o início da pesquisa, a exploração do objeto, e na qual o pesquisador expande o seu olhar para, em seguida, focá-lo; a segunda fase consiste na sistematização dos dados levantados e a última na análise e interpretação dos dados levantados na investigação, momento em que o pesquisador elabora um relatório final. A autora ainda acrescenta que esse processo é uma forma didática para a construção desse tipo de pesquisa, mas que essas três fases, em muitos casos, podem ser sobrepostas umas às outras, dificultando a identificação de seu início e fim.

Diferentemente de Ludek (1986), Gil (1991) entende o estudo de caso como um processo que possui não três, mas sim quatro etapas: 1) delimitação da unidade-caso; 2)

coleta de dados; 3) análise e interpretação dos dados; 4) confecção do relatório.

Seguindo esse passos sugerido por Gil ( 1991), esta pesquisa teve início com o levantamento bibliográfico relativa à evolução do conceito de corpo na prática social da Educação Física, bem como do conceito de imagem e do potencial dessa categoria em relação à representação da realidade social.

Nessa etapa do delineamento do estudo de caso, ou seja a apresentação da unidade em ação, ocorre a primeira aproximação do pesquisador com a literatura e com o próprio objeto. Nesse momento, são identificados os documentos a serem analisados, os informantes e todas as demais fontes que a pesquisa vai utilizar no seu caminho metodológico. Assim foram selecionadas as seguintes fontes: 1) fotos dos arquivos da ESEFFEGO, 2) fotos dos depoentes; 3) fotos de acervos públicos; 4) termo de passagem de cargo<sup>4</sup>; 5) regimento interno da ESEFEGO<sup>5</sup>; 6) plano geral de ensino/1963<sup>6</sup>; 7) depoentes.

Nos estudos de casos, as regras para a coleta de dados não são precisas, pois, a escolha depende dos objetivos traçados pelo trabalho. A entrevista de profundidade, também pode ser denominada semi-estruturada, é uma das mais sugeridas para essa modalidade de pesquisa, pois permite ao pesquisador descobrirá um universo muito singular dos entrevistados. Segundo Goldemberg (2000), a flexibilidade da coleta de dados é uma das evidências desse tipo de pesquisas.

Como os dados não são padronizados e não existe nenhuma regra objetiva que estabeleça o tempo adequado de pesquisa, um estudo de caso pode durar algumas semanas ou muitos anos. O pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas, e, também, para reorientar seu estudo. (GOLDEMBERG, 2000, p. 34 - 35)

Segundo Gaskell (2002), a entrevista semi-estruturada com apenas um interlocutor é uma das propriedades que garantem a profundidade da investigação e pode ser desenvolvida de duas formas distintas: a) ter um caráter investigativo extremamente formatado, mediante várias questões preestabelecidas, dentro de um tempo relativamente limitado; b) não se preocupar com a força da estrutura encontrada, constituindo uma análise mais aprofundada do conhecimento local e cultural em um espaço de tempo maior.

De acordo com a elaboração metodológica desta pesquisa, optei pelo segundo

---

<sup>4</sup> Que aqui será tratado como **documento de nº 1**

<sup>5</sup> Que aqui será tratado como **documento de nº 2**.

<sup>6</sup> Que aqui será tratado como **documento de nº 3**.

procedimento de entrevista sugerido por Gaskell (2002), tendo em vista que a preocupação central não é apenas entender – deslocado de um o contexto cultural e histórico – o ideário de corpo dos professores pioneiros, mas sim visualizar como se deu essa construção de forma mais ampliada. Daí a necessidade de dialogar com o ensino superior, com a cidade e com a construção de projetos da educação do corpo no Brasil e em Goiás.

Um outro ponto importante na entrevista semi-estruturada é o fato de que ela serve como um processo de retroalimentação, haja visto que o pesquisador, ao sair a campo, já possui algumas informações prévias, que são utilizadas para subsidiar a entrevista e criar novas questões ou até mesmo confirmar as antigas. Sobre questões investigativas, que podemos também chamar de hipótese, é bom lembrar que nas pesquisas qualitativas, o seu lugar não é bem definido, tanto ela pode ser elaborada no inicio da pesquisa, quanto durante ou no final sem perder o seu valor metodológico. Para expressar essa idéia apresento a seguinte discussão:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146)

Nesta pesquisa, as questões surgiram com a problemática levantada que foi sendo moldada desde o início, mas foi amadurecida na fase da coleta de dados. As entrevistas semi-estruturadas, como técnica de coleta de dados, proporcionam a troca de experiência entre o objeto e o sujeito da pesquisa e isso é um dos elementos que credenciam o estudo de caso qualitativo. A entrevista, nessa perspectiva mostra a relação que os entrevistados fazem entre o universo particular e o contexto geral, possibilitando uma amplitude do foco da análise, destacando os detalhes, o comportamento, as crenças, as atitudes, os valores, as motivações e as concepções de corpo no contexto específico e social. Sobre essa relação considero pertinente a seguinte argumentação:

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras

observações. (GASKELL, 2002, p. 65)

O acesso ao universo da vida dos entrevistados favorece a versatilidade e a profundidade da pesquisa com as descrições detalhadas dos seus aspectos originais. Assim, decidido o formato das entrevistas, era preciso pensar no conteúdo, na preparação e no planejamento das entrevistas com as fontes selecionadas.

Lancei mão dos documentos levantados, traziam informações sobre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Com base nessas informações, foi constatado que a primeira turma do curso de Educação Física da ESEFEGO tinha com cinqüenta alunos, dos quais trinta rapazes e vinte moças e iniciou-se no ano de 1963. Alguns deles após formados, retornaram à ESEFEGO como professores convidados, e esse foi um ponto importante para a delimitação do perfil dos entrevistados. Outro ponto fundamental para estabelecer os critérios para o levantamento dos dados foram as disciplinas e suas disposições no currículo da primeira turma.

Nessa análise, a disciplina Fundamentos Metodológico da ginástica destacava-se por aparecer em quase todos os semestres, possuindo contendo a maior carga horária, tanto teórica quanto prática. A ginástica era feita todos os dias pelos alunos com o objetivo de educar o corpo e prepará-los para as demais atividades acadêmicas. Vale ressaltar que no currículo atual do curso de Educação Física da ESEFFEGO a ginástica continua sendo a disciplina com maior carga horária, distribuída em diferentes períodos. Diante desses dados selecionei a amostra de entrevistados desta investigação a partir de dois critérios: a) ter integrado a primeira turma do curso; b) ter sido professor do Departamento de Gimínico Desportivo da ESEFEGO.

A partir desses dois critérios, foi possível identificar, nos documentos levantados no Departamento de Pessoal da ESEFFEGO, que o quadro de pessoas que comporiam a amostra seria de apenas quatros egressos . Por meio da entrevista semi-estruturada, tomei os depoimentos desses quatro egressos da primeira turma de formandos da ESEFEGO, que hoje são professores do Departamento Gimínico Desportivo da instituição. Foram eles os professores Joaquim Rezende, Sônia Marília de Ávila Gonçalves, Dalmo Antônio Teixeira e Jairo Sidney Bianchi.

Vale lembrar que, segundo GASKELL (2002), em uma pesquisa qualitativa deve-se considerar que na tomada de decisão das escolhas dos entrevistados sempre vai haver uma perda, pois o ato de escolha sempre beneficia um segmento em detrimento de outros. Para que isso não ocorra de forma aleatória, o autor sugere o que chama de “imaginação social

científica” (p.70). Mediante representações, vai-se criando conceitos a partir de suas falas, e pois não existem respostas corretas na pesquisa qualitativa – o objetivo é levantar e demonstrar pontos de vista.

Diferentemente da amostra do levantamento, onde a amostra probabilística pode ser aplicada na maioria dos casos, não existe um método para selecionar os entrevistados das investigações qualitativas, aqui, devido o fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes. (GASKELL, 2002, p. 70)

Nesta pesquisa, as entrevistas tinham como função focalizar as informações trazidas pelos egressos sobre o seu papel da disseminação de um ideário de corpo na cidade de Goiânia, em face aos postos profissionais que ocuparam na cidade, o que garantiria profundidade ao estudo. Nessa linha, confirma-se um modo de pensar em que a entrevista semi-estruturada é vista como:

estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado, o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou com um roteiro. (NEGRINE, 1999, p. 73)

Seguindo os conceitos de coletas de dados já apontados nesta pesquisa, realizei os seguintes procedimentos: estabeleci como ponto fundamental a relação de respeito e de amizade com os entrevistado e utilizei como elemento indispensável para as entrevistas a explicação precisa sobre o trabalho, destacando os objetivos da pesquisa, os seus procedimentos metodológicos, incluindo as regras para a publicação das entrevistas.

A ordem da realização das entrevistas com os egressos da primeira turma da ESEFEGO foi estabelecida de acordo com a disponibilidade de cada um deles. O primeiro contato com os entrevistados ocorreu por telefone, ocasião em que foram agendados os encontros. Nos momentos que antecederam esse encontros, o meu sentimento era de ansiedade e medo do inesperado, sensações que perduraram somente nos primeiros momentos de contato com os entrevistados. Todos não só me receberam muito bem em suas casas como também se colocaram à disposição da pesquisa e disponibilizando documentos, como fotos e livros.

Por confiar na sua precisão e pelo conforto que oferece tanto para o entrevistado como para o entrevistador, optei pela gravação em áudio para o registro das informações. Esses recursos tem sido muito usado nas pesquisas pois “a gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio”

(TRIVIÑOS, 1987, p. 148).

No caso da entrevista semi-estruturada, o pesquisador pode alterar a sua estrutura diante de algumas circunstâncias, visando uma maior interação com o entrevistado. Um dos pontos cruciais para a sua aplicação é o respeito pelos entrevistados e pelas informações disponibilizadas.

na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente na entrevista não totalmente estruturada, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (LUDKE, 1986, p. 33 - 34)

Sobre o respeito ao entrevistado, é importante tomar sempre cuidado com todos os detalhes, como a forma como se estabelece o contato, os horários e locais para as entrevistas, o sigilo, o anonimato. Para a entrevista fluir de forma natural sem distorções, é importante que o entrevistado se sinta à vontade e confie no pesquisador e, para isso, é sempre bom estimular a sua fala de maneira coerente, lançando mão da escuta sensível, aprendizado que o pesquisador deverá desenvolver no processo investigativo.

Sobre os procedimentos de análise das entrevistas, utilizei alguns recursos apontados por NEGRINE (1999) para quem esta tarefa deve ser desenvolvida em três etapas: a) devem ser transcritas, sem alterações dos vocábulos, sem resumos e interpretações; b) nesse momento é feita a síntese das informações obtidas, o que requer do pesquisador certa criatividade para trabalhar com elas; c) o pesquisador deve relacionar os fenômenos encontrados com o referencial teórico escolhido, possibilitando confrontar suas questões, confirmando-as ou refutando-as.

Segundo FLICK (2004), para uma melhor organização da transcrição das entrevistas pode se confeccionar um quadro documental para servir de auxílio para o pesquisador na fase de análise das entrevistas. A seguir, quadro desenvolvido para esta investigação.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA E O ENTREVISTADO

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Duração da entrevista:

Entrevistador:

Identificador para o entrevistado

Sexo do entrevistado

Idade do entrevistado:

Peculiaridade da entrevista:

Fonte: (FLICK, 2004 p.185)

As entrevistas, sem dúvida, são a fase de maior importância para a pesquisa, pois é nesse momento que o problema começa a ser desvelado, apresentando mais clareza em relação aos objetivos da pesquisa, além ser um espaço de retro-alimentação tanto para a investigação como para a formação do pesquisador.

As questões concretas previamente definidas pelo pesquisador podem ser desenvolvidas na pesquisa qualitativa com dois tipos de dados: os verbais e os visuais. Os dados verbais, com já foi dito foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e levantamento de documentos. Já para o levantamento dos dados visuais, lancei mão de técnicas observacionais e analíticas de imagens paradas, em especial fotografias, que foram levantadas nos acervos pessoais dos informantes, de funcionários da ESEFFEGO e no acervo do Museu da Imagem e do Som.

Com a coleta de dados, me deparei com novos apontamentos desenvolvidos no curso de mestrado em Cultura Visual e, dentre eles talvez o mais significativo tenha sido a percepção do poder das imagens na vida das pessoas e a possibilidade de pesquisar a partir delas e com elas. Assim, as imagens poderão ser entendidas como fatos sociais, e não mais como elementos ilustrativos da própria escrita acadêmica.

As imagens, aqui serão entendidas “como interação complexa entre visualidade, aparato, instituições, discurso, corpo e figuralidade” (MITCHELL, 1995, p. 16). Logo, ela ultrapassa o seu valor estético, possuindo um papel social na vida do sujeito e na cultura. Bauer (2002) inúmera a defini dividindo-a em três vantagens do uso de imagens:

A primeira é que a imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais. Isto é verdade tanto sendo uma fotografia produzida quimicamente ou eletronicamente, uma fotografia única, ou imagens em movimento. A segunda razão é que embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números: a análise do impacto do trânsito no planejamento urbano, tipos de parques de diversões perigosos ou campanhas eleitorais podem, todos eles, beneficiarem-se como uso de dados visuais. A terceira é que o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais. Consequentemente, o visual e a mídia desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. (BAUER, 2002, p.137 - 138)

Nesse sentido, a imagem também não pode ser confundida apenas com estudos sobre comunicação e mídias, pois essa perspectiva segue uma outra estrada vicinal, que são os modos de transmissão. Na estrada escolhida para esta pesquisa, as imagens têm outros focos, e um deles é ser objeto de estudos e elemento da investigação científica que tem como finalidade difundir e apresentar a realidade material. “A imagem, assim como método científico, e ideológico e, portanto, liga contextos e significados na experiência, sejam eles políticos, religiosos, psicológicos, econômicos e sociais” (MARTINS, 2007, p. 30).

A sua interpretação deve ser multirreferencial, ou seja, em camadas de sensações e sentidos. Nessa perspectiva, as imagens fixas levam a acreditar que não são algo alheio a nós, mas sim parte da nossa própria vida e, por isso, entende-se que elas sejam “uma elaboração complexa prenhe de significados e interpretações que depende de uma rede de informações, convenções e interações sociais que não opera de modo linear” (MARTINS, 2004, p. 01).

Essa dilatação conceitual significa entender novas práticas culturais de ver e suas relações com a subjetividade do sujeito, acrescentando à sua vida novos valores instituídos pelas experiências cotidianas vivenciadas em mundos rodeados por imagens.

A relação entre as imagens e a subjetividade é, portanto entendida no estudo de caso qualitativo da seguinte maneira:

As imagens nos constroem como sujeitos num labirinto de teias de significado que se interconectam nas dimensões sociais e simbólicas da cultura. O conhecimento, assim como a cultura, é construído a partir de múltiplas vozes, sentidos e perspectivas que refletem influências políticas, econômicas, religiosas e sociais. (MARTINS, 2004, p. 33)

Portanto, para a investigação a que me proponho, as imagens serão, em sua maioria, fotográficas, cuja e sua função não será somente a de resgatar o passado longe ou

próximo, mas principalmente revelá-lo. A escolha da cena revela um olhar individual por parte da realidade estudada. Não se trata apenas de compartilhar um enquadramento espacial da realidade, mas, sobretudo, de transformar os elementos que se encontravam de forma sincrética em um momento-síntese significativo de uma peculiaridade do universo estudado. Para isso, utilizo o conceito de corpo fotográfico desenvolvido por Guran (2002).

Um corpo fotográfico pode compreender, além desse material, imagens produzidas fora do âmbito da pesquisa. Anteriormente ou simultaneamente a esta, por terceiro ou pelos próprios membros da comunidade estudada. É o caso dos álbuns de família e similares, reportagens e outros tipos de documentação sobre o assunto, como também do material produzido pelos próprios membros da comunidade estudada sob a coordenação do pesquisador. (GURAN, 2002, p. 96)

O conceito de corpo fotográfico será incorporado na metodologia como parte dos documentos utilizados pela pesquisa e como elemento da análise da coleta de dados, podendo ser, ao mesmo tempo, os pontos de partida ou de chegada. Isto significa que a imagem fotográfica pode captar o imprevisto, possibilitando novas formas de olhares para o fato destacado. Além disso, a foto poderá também contar uma história, pois nesse sentido a fotografia pode ser utilizada para enunciar ou explicitar conclusões obtidas mediante a compreensão do pesquisador em relação à realidade estudada, portanto:

Fotografar para contar corresponde ao momento em que o pesquisador comprehende e, de certa forma, domina o seu objeto de estudo, podendo, portanto, utilizar a fotografia para destacar com segurança aspectos e situações marcantes da cultura estudada e desenvolver sua reflexão apoiado nas evidências que a fotografia pode apontar. (GURAN, 2002, p. 97)

Uma das vantagens do uso da fotografia na pesquisa é a de recortar a realidade em fragmentos, em pequenas histórias, que se encontram diluídos num vasto campo de visão e memória dos entrevistados, revelando, assim, uma particularidade do cotidiano dos sujeitos envolvidos no trabalho. Esse foi um dos motivos da escolha metodológica de trabalhar com o corpo fotográfico, pois o estudo resgata fatos sociais de quarenta e seis anos atrás; por esse motivo, as fotografias têm um papel fundamental, que é de mostrar a realidade social a partir de cenas fragmentadas do fenômeno estudado.

É nessa esfera que a fotografia se mostra como um recurso eficiente nos estudos das relações sociais e das representações subjetivas da realidade social e dos sujeitos envolvidos.

Como fonte metodológica da pesquisa, como já foi dito, a imagem fotográfica

poderá ser instrumento de início e de chegada: de início, quando ela gera uma reflexão objetiva na pesquisa e de chegada, quando ela fundamenta as observações nas análises feitas no percurso do trabalho, não apenas analisando o dito e o visível, mas principalmente revelando o não dito e o invisível.

Cabe esclarecer que o uso das imagens e a sua leitura nesta proposta de artesania metodológica não compõem um campo de abrangência analítica. Aqui, a leitura das imagens é acessível a sujeitos comuns, como eu mesma, pessoas que acreditam na função social da imagem. A apreciação é o guia para essa apropriação do saber experimentado: “Só podemos ver aquilo em que, em algum feitio ou forma, já vimos antes. Só podemos ver as coisas para as quais já possuímos imantes identificáveis, assim como só podemos ler em línguas cuja sintaxe, gramática e vocabulário já conhecemos” (MANGUEL, 2001, p. 27).

Esse reconhecimento do lugar da imagem na investigação científica ajudou a fundamentar a escolha da abordagem metodológica da investigação.

A criatividade do pesquisador imprime no trabalho a sua marca individual, através das suas reflexões, pautadas nas literaturas e na sua própria experiência vivida, fortalecendo com isso as relações de cumplicidade entre o pensamento e a prática. Portanto, nas ciências humanas, a formação do pesquisador se dá mediante a sua própria prática de pesquisar como um artesão.

Todos esses aspectos convergem para a necessidade de o pesquisador se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretensioso, zelador do consórcio entre teoria e prática, reservando exemplos probantes a cada movimento importante de sua reflexão. As ciências humanas, ao serem exercidas como ofício, permitem que cada pesquisador se sinta parte integrante da tradição clássica, podendo fazer reviver dentro de nós e entre nós, aquilo que de mais alentador a condição humana pode oferecer. (OLIVEIRA, 1998, p. 20)

Considerando a minha pouca experiência em pesquisar, um texto importante para a elaboração deste estudo foi o texto *Viver a tese é preciso*, da professora Maria Ester de Freitas, publicado em 2002. Lendo o texto, questionei os problemas da pesquisa em si, ri, me identifiquei e me angustiei, e foi nesse processo de estranhamento, que às vezes era compreendido como sofrimento, que encontrei resposta para esse conflito interno. O texto diz que tudo fazia parte da natureza da produção do trabalho acadêmico e, portanto, era comum, que a grande maioria dos pesquisadores passava por essa neurose intelectual.

Estou firmemente convencida de que a natureza do trabalho acadêmico determina boa parte das situações que vivemos na época da tese e as exigências emocionais

que se nos apresentam. Ela é um projeto especial, sem demérito aos demais, que mobiliza todas as forças do sujeito, pois tratase de uma tarefa anti-social e excludente, desestabilizadora de certezas intelectuais, comportamentais e emocionais, desenvolvida a longo prazo. Esse conjunto de características intrínsecas torna o trabalho extremamente gratificante quando concluído, pois ele consome e produz uma grande dose de energia psíquica e exige enorme tolerância à ausência de *feedbacks* imediatos, além de impor severa cobrança de exclusividade, difíceis de suportar por tempo tão longo. (FREITAS, 2002, p. 215)

A possibilidade de pesquisar, portanto, é uma construção pautada intensamente na condição humana. Na investigação científica, , assim como no artesanato a criatividade do pesquisador dá ao trabalho a sua marca, e essa marca é resultado de sua experiência vivida.

A relação entre o pensamento e a prática efetivada no contato com a realidade conecta pensamento, conteúdo, existência e criatividade. Portanto, a pesquisa é aqui entendida como um ato criador.

# **2 ESEFFEGO: ESSA HISTÓRIA TEM NOME E ENDEREÇO**

Durante o processo de elaboração desta pesquisa, tornou-se presente a necessidade de se recorrer à história como componente fundamental, visto que os fatos e acontecimentos passados fornecem as referências de análise do presente. Nesse sentido, a percepção de quem vai contar a história também muda, a partir das escolhas das imagens selecionadas dos fatos históricos, podendo ser construídas e reconstruídas várias narrativas históricas.

Voltando ao início da história desta escrita, retomam-se as reflexões de Castellani Filho (2001), quando ele afirma que nos momentos de estabilidade não há porque refletir sobre a história e muito menos sobre os próprios papéis dos indivíduos. Satisfeitos com o presente, a história fica suspensa para que questões do cotidiano sejam analisadas; todavia, em tempos de instabilidade e o descontentamento com os fatos históricos e sociais do presente, o indivíduo sente necessidade de lançar mão do passado, com o intuito de resolver os problemas do presente.

A opção de buscar o ideário de corpo dos egressos da primeira turma da ESEFFEGO surge exatamente em um desses momentos de instabilidade da instituição e talvez da relação pessoal da autora com a instituição, na qual atualmente leciona. Portanto para entender a Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás - ESEFFEGO, o primeiro passo foi buscar os fatos que fundamentam a sua história. Como surgiu a ESEFFEGO? Que fatos passados se fazem reluzir em seu presente? Existe entre esses fatos alguns que coloca em risco hoje as conquistas alcançadas ao longo de seu processo histórico?

A imagem 5 mostra o cenário atual da ESEFFEGO, a foto produzida pelos alunos da turma 2007/01, já dita, apresenta como a instituição está hoje. Com a sua faixada acinzentada, desgastada com o tempo, sem vida, sem brilho, encoberta pelos muros sem pintura, sem reformas adequadas há tempo a sua tradição está encoberta pela estrutura mal

cuidada desta Unidade Universitária da UEG. Apesar do espaço físico se localizar em uma das avenidas mais movimentada e conhecida da cidade, a Avenida Anhanguera, a ESEFFEGO já não é mais um espaço reconhecido em Goiânia pela sua missão, o de formar professores de Educação Física.

Na tentativa de captar os nexos sociais, culturais e políticos que determinam a criação da ESEFEGO e sua configuração atual, foram consultadas diferentes vertentes de pesquisa sobre o ensino superior nacional e local. Para a análise histórica dos cursos de formação de professores o referencial é Cunha (2000), que faz no seu livro uma análise dos 500 anos de ensino superior no país. No que diz respeito, especificamente, ao ensino da Educação Física em Goiás, os subsídios foram buscados em Baldino (1991), que em sua dissertação de mestrado discorre sobre a expansão do ensino superior no Estado; Dourado (2001), que em sua tese de doutorado discute a interiorização do ensino superior e a privatização do ensino público em Goiás; Nascimento (2002), que pesquisou para sua dissertação de mestrado, a participação política da juventude goiana no movimento estudantil universitário na década de 1960, e, por fim, singularizando a discussão, buscouse a reflexão desenvolvida por Lima (1992), em sua dissertação de mestrado, que trata especificamente da criação do curso de Educação Física em Goiás a partir de duas categoria fundamentais: o militarismo e o populismo.

No final da década de 1950 e início da década de 1960 o Brasil passa por um reordenamento político e cultural com a redemocratização do país, e a Universidade não fica imune a essas mudanças. O período também foi marcado por várias medidas, e entre elas estão as cartas redigidas pelas universidades mais renomadas do país à população brasileira nos anos de 1962 e a de 1963, anunciando modificações no ensino superior do país.

Prioridade das instituições públicas sobre as privadas, por serem aquelas gratuitas e permitirem a convivência democrática de opiniões conflitantes; supressão dos exames vestibulares, vistos como barreiras discriminatórias em termos econômicos; abandono da exigência de tempo integral para os estudantes, pois a realidade brasileira estava a exigir sua participação mais fora da universidade do que dentro dela, em especial na alfabetização do povo; um terço dos membros dos colegiados universitários com direito a voto para os estudantes; participação estudantil nas comissões de admissão e promoção de docentes; desistência da reivindicação da autonomia universitária entendida, agora, como perigosa para a democratização da instituição. (CUNHA, 2000, p.177)

Para melhor esclarecer os nexos feitos nesta pesquisa, é necessário entender a relação entre o ensino superior goianiense com a realidade local, regional e nacional, garantindo assim um modo de ver mais ampliado. Nessa perspectiva, o contexto social dá a base do cenário da época. Como diz Baldino:

[...] é inegável também a contribuição política para movimentar o setor do ensino superior goiano, os acontecimentos decorrentes da criação de Goiânia e a transferência da capital; a consolidação da capital; o momento nacional denominado Marcha para o Oeste; a criação de Brasília e a transferência da capital federal; bem como a nova configuração política que Goiás assume [...] (1991, p. 20)

A imagem quatro ilustra um pouco esse momento de construção e consolidação da cidade de Goiânia, a foto demonstra a origem da ESEFEGO, localizada na Avenida Anhanguera, ainda sem asfalto, demarcando a relação entre a consolidação urbanística e cultural da cidade de Goiânia. Nesse prédio antigo, funcionava a primeira Praça de Esporte do povo da Vila Nova que mais tarde se transformou na Escola Superior de Educação Física de Goiás, a sua estrutura arquitetônica apresentava simplicidade agregada à organização e limpeza. A imagem traz também o primeiro ginásio coberto da cidade, construído pelo então Governador Mauro Borges, a sua inauguração contou com o espetáculo musical da cantora Rita Lee, em 1963.

Sobre esse cenário da cidade e sobre a situação da ESEFEGO á época da sua criação no ano de 1962 e foi instituído o curso em 1963, a professora Sônia Marilia diz com muita propriedade:

*Não, tinha asfalto, [...] o asfalto ia até a ponte do Botafogo, aí aquele pedaço todinha da Vila Nova era sem asfalto, a Escola era toda muito empoeirada. Nós fazíamos aula numa quadra ao ar livre. E era ali que fazíamos as aulas, e tinha que deitar e tinha que sentar, saía feito um tatu, [ risos], mas fazia parte. Se quiséssemos também tinha lugar para tomarmos banho, em um vestiário muito bom. A escola era muito boa, era muito respeitada pela população. ( entrevista concedida no dia 22/08/2008)*

As imagens que se segue abaixo tenta apresentar o cenário estrutural da criação da ESEFFEGO, buscando focalizar um olha situado primeiramente do geral para o particular. Nesse sentido a vista ampliada da construção da cidade em seguida a vista panorâmica da antiga praça de esporte do povo e logo a baixo a faixada da ESFFEGO no ano da sua criação contrata com a ESEFFEGO atual focalizando o ponto inicial da pesquisa.

#### Imagen 4



**Imagen 4 - Fonte:** <http://historiadegoiania.blogspot.com/> Acesso em 23/01/2009 - Goiânia (1935 – 1937)

Ao olhar para este plano da construção das primeiras ruas da cidade de Goiânia, encontramos um modelo de corpo, aqui não se refere a corpo de fisiológico mais sim um corpo estrutural de concreto. A interferência dos sujeitos na construção da cidade desenha a sua identidade e a sua subjetividade, constituindo assim uma cidade viva e composta por corpos ativos e orgânicos nas suas atitudes no processo de construção da suas próprias historia e o seu próprio corpo - a cidade.

### Imagen 5

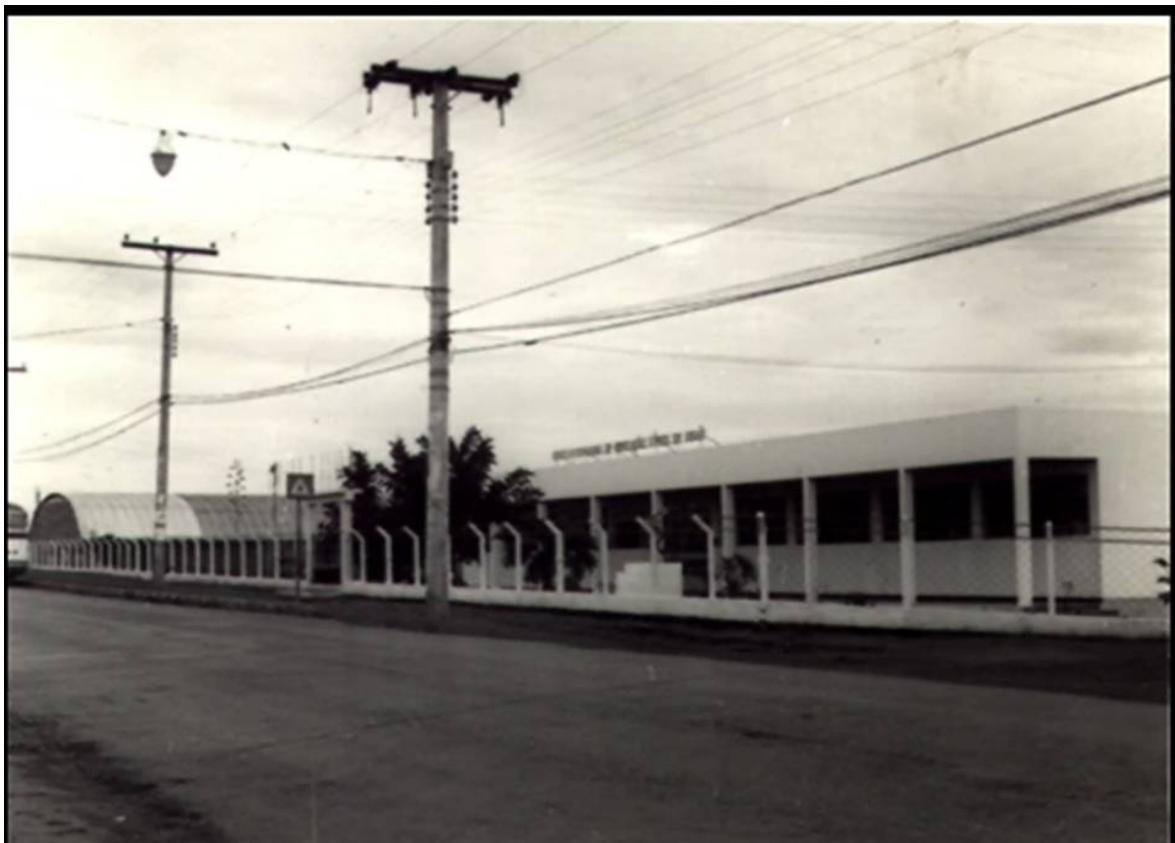


**Imagen 5 - Fonte:** acervo da ESEFFEGO – foto da década de 1960.

A partir dessas imagens e dos depoimentos é possível estabelecer relações entre o ensino superior nacional e o local, destacando o recorte feito em Goiás na década de 1960, que permite compreender a importância histórica dos anos anteriores do surgimento da ESEFFEGO. É nesse cenário que faremos as relações entre o singular e o plural. De acordo com Nascimento (2002),

As condições concretas dos fenômenos na sua particularidade é que podem dar as condições para que retornemos ao fenômeno geral não de maneira genérica, mas perfazendo um caminho que desvèle a diversidade de relações que o particular guarda com a totalidade, enfaticamente nos seus aspectos socioeconômicos e políticos.(NASCIMENTO,2002,p.13)

## Imagen 6



**Imagen 6 - Fonte:** Museu da Imagem e do Som

Esta foto da entrada principal da ESEFEGO, localizada na Avenida Anhanguera, ainda não era asfaltada, mostra a origem da instituição e ressalta a relação entre a construção urbanística e cultural da cidade de Goiânia com a ESEFEGO. O tipo da iluminação da rua, a falta de muros na Escola, o pouco movimento na rua, traz um cenário sócio-cultural a realidade vivenciada pelos primeiros alunos egressos da ESEFEGO na sua criação na década de 1960.

A foto abaixo, tirada da faixada da ESEFFEGO em 2007/01, mostra uma instituição que pouco progrediu até o seu nome que já mudou desde 1994, ainda permanece o mesmo, desgastada pelo tempo, sem vida, sem brilho, a ESEFEGO demonstrada aqui, localizada na Avenida Anhanguera, uma das mais movimentada da cidade, foi a primeira e a mais importante escola superior de Educação Física em Goiás e hoje já não goza mais do respaldo e do reconhecimento da sociedade goiana.

## **Imagen 7**



**Imagen 7 - Fonte:** acervo pessoal da autora.

Considerando a particularidade da pesquisa o processo de construção de uma cultura física na cidade de Goiânia começa a ser sistematizado no final da década de 1950. No ano de 1958, quando foi criado o Departamento de Educação Física e Esporte de Goiás – DEFE, o panorama da Educação Física em Goiás era muito precário e quase não existia em forma de conhecimento sistematizado. O DEFE foi criado para dar um suporte pedagógico às escolas públicas e privadas do Estado. Nesse contexto, o entendimento de Educação Física ainda estava inteiramente vinculado aos métodos europeus de ginástica e às práticas desportivas.

Seguindo esse pensamento educacional, a Educação Física começa a se delinear como um campo de atuação de forma sistematizada em torno do conceito de educação higiênica do Corpo – o que estava em questão era a construção de um povo robusto. Segundo essa proposta, homens, mulheres e crianças brasileiras deveriam possuir um vigor físico fundamental para a harmonia da vida, a alegria da alma e a preservação da espécie.

Como o corpo dos indivíduos é elemento constitutivo das forças produtivas da nova ordem, constituindo-se desse modo em realidade biopolítica, o poder de que se revestem certas práticas sociais que nele investem é quase absoluto. Particularmente, poderíamos nos referir àquelas que se constituem a partir de um conhecimento deste corpo [...] biológico e orgânico, tais como a medicina, e as formas que elas aprimoraram para influir de maneira coercitiva e repressiva na sociedade, formas estas fundamentais para a manutenção da nova ordem. (SOARES, 2001, p. 20)

Esse pensamento de valorização do vigor físico do povo brasileiro começa a se consolidar como proposta concreta com a criação dos primeiros cursos de formação em Educação Física no país, no início do século XX. Com isso surgem os primeiros conceitos de educação corporal no Brasil.

As décadas de 1920 e 1930 foram um período importante no que diz respeito à elaboração de um novo conceito de educação inclusive para a formação da Educação Física no Brasil. Nessas décadas foram criados no país inúmeros debates educacionais, abrangendo o ensino básico até o ensino superior, nesse contexto surgiram às primeiras escolas de formação de professor de Educação Física brasileira, pautadas nos pensamentos desenvolvido no país por vários intelectuais, dentre eles Fernando de Azevedo.

Devido ao clima de conflito aberto, em 1932 é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, encabeçado por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores. O documento defende a educação obrigatória, pública, gratuita, e leiga como um dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional. Crítica o sistema dual, que destina uma escola para os ricos e outra para os pobres, reivindicando a escola básica única.

Esse pensamento era refletido em diferentes áreas mediante os conceitos de educação que foram expandidos no país, através de diversas medidas sociais, éticas e educacionais. Segundo Aranha (1996) Fernando de Azevedo é reconhecido como um dos mais importantes intelectuais brasileiros, e a sua contribuição são desenvolvidos por uma concepção humanista na verdadeira acepção da palavra. Por isso, um homem que lutou pelo desenvolvimento do humanismo na Educação do país, o qual, acreditava o ensino de qualidade não está na matéria que ensinamos (seja qual for, letras ou ciências), mas no espírito que nos anima no ensino de qualquer disciplina e na maneira de ensiná-la. O seu pensamento, com múltiplos interesses intelectuais, para quem nada do que é humano era estranho. Na educação física — área em que foi especialista, tendo escrito uma tese pioneira, a poesia do corpo ou a ginástica escolar: sua história e seu valor em 1915.

Transitou também pelo ensino de latim e de psicologia, pela crítica literária, pela investigação sobre a arquitetura colonial e, pela reforma educacional. Fernando de Azevedo foi uma das maiores expressões da inteligência cultural do Brasil moderno, destacando-se por três contribuições fundamentais: 1) a grande reforma do ensino no antigo Distrito Federal (1927-1930), reforma essa que, foi o marco inicial do processo de modernização do ensino no Brasil. 2) O Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932), documento importante para a história da educação brasileira. Subscrito por um grupo dos mais expressivos educadores e intelectuais, mantém até hoje sua validade. 3) A cultura brasileira, que se tornou uma obra de referência da cultura nacional, em todos os seus aspectos. Além destas três acrescento ainda a sua contribuição, no processo de fundação da Universidade de São Paulo (1934), destacando-se como um precursor incansável pela implementação do verdadeiro espírito universitário.

### **Imagen 8**



**Imagen 8 - Fonte:** ginástica feminina em Porto Alegre (1930) /  
[www.frgs.br/prorextmostra\\_virtual/arq10456\\_1/](http://www.frgs.br/prorextmostra_virtual/arq10456_1/) Acesso em 21/05/2008

### Imagen 9



**Imagen 9 -Fonte:** Aula de ginástica em São Paulo – 1935/ <http://historiadaeducaçäofisica.blogspot.com/>  
Acesso 12/11/2007

Nessas imagens 8 e 9 mostra, além da prática da ginástica européia desenvolvidas nas escolas femininas e masculina como também ressalta o controle dos corpos através das disposições das pessoas em colunas e fileiras esse formato de aula oriunda da experiência militar definia o conceito de Educação Física se desenvolvia nos espaços escolares no início da implantação da Educação Física escolar no país. Portanto esse modelo de Educação Física para homens e mulheres deveria ter como base pessoas fortes, desde que preservasse as suas diferenças sócias estabelecidas.

Diante de tudo isso, a Educação Física começa a se consolidar como uma área do conhecimento a partir da Constituição de 1937, no texto de nº. 1, de 10 de novembro, 131 e 132. Portanto a Educação Física, à época adentra com vigor nas escolas brasileiras e em todos os níveis de ensino até o ensino superior, a fim de promover a disciplina moral e o adestramento físico, preparando o povo para os deveres da economia e da defesa da Pátria.

Essa medida comunga com o pensamento dos idealizadores da cidade de Goiânia. A força física e a cultura atlética representavam corporalmente essas medidas eugênicas na formação das pessoas. Segundo Castellani Filho (1988) desenhavam-se assim diferentes ideários: de corpos, cidades, educação e Educação Física.

Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos do Brasil novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num só corpo e num só espírito, do Brasil que coordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergueu do “berço esplêndido” e começou já a cavalgada da glória. Goiânia é, assim, a espécie de cindinho, em que cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasis – o do litoral e do sertão - , nela se está formando a célula do Brasil integral. (FIGUEIREDO, apud GONÇALVES, 2002, p. 29);

A vista panorâmica da construção das primeiras ruas de Goiânia, apresentada na imagem 7, estabelece um nexo entre o particular e o geral, visto que, a cidade aqui é entendimento como um espaço de representação complexa da cultura de um povo guardados pelas contradições e conflitos, nesse sentido tomei o corpo como representação central dessa construção social no qual a ESEFEGO foi uma das responsáveis pela construção dos ideários de corpo, Educação Física, cidade e cultura goianiense.

As idéias traduzidas em gestos demarcam as relações sociais e culturais que representam também as mais diversas transformações sócio-históricas da civilização humana. Gonçalves (2002) diz da importância do papel da cultura na construção da identidade de um povo. Portanto, falar sobre o corpo é falar sobre a própria construção da cultura das cidades em diferentes sociedades. O indivíduo traz consigo marcas inscritas corporalmente e essas se transformam em repertório singular que são construídas historicamente através dos desejos vindo do outro, tornando-o a representação mais fiel da cultura.

A cultura é parte integrante e fundamental do patrimônio e da riqueza de um povo. Através dela, as manifestações das diversidades regionais ganham unidade e se projetam como expressão da identidade cultural de uma nação. Ressalte-se, ainda, a importância da cultura para a reflexão sobre os destinos e o desenvolvimento de um país: ela é, portanto, o sinal mais evidente da consciência de um povo sobre si próprio, sobre sua identidade e seu destino. (GONÇALVES 2002, p.13.)

A cidade traz em sua imagem a marca da cultura de seu povo integrando elementos

físicos, morais e culturais. Além disso, é o corpo que, a constrói nas suas diferentes vertentes, e esse mesmo corpo compreendemos como território pouco desvendado, pois, apresenta em sua estrutura um campo amplo demais para ser totalmente revelado, com seus desejos, sentimentos, sentidos, interesses, funções, interdições e o mais importante à marca da visibilidade humana ele torna-se elemento fundamental da cultura.

[...] é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esse costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem: é um produto da natureza e particularmente da natureza humana. (PARK, apud, GONÇAVES, 2002, p. 76)

Nesse sentido a construção da cidade de Goiânia no coração do Brasil, é fruto de diversos interesses econômicos, políticos e cultural. A primeira capital planejada do Centro Oeste no século XX deu a Goiânia um caráter histórico e conceitual de cidade planejada.

O estilo Art déco traduzia em sua formas o símbolo do movimento moderno e representa um conceito de arquitetura que demarca um conceito de sociedade, de homem e de corpo que a nova capital construía no interior do país.

A transformação de uma sociedade predominantemente agrária em outra industrializada e urbana estabelecia vínculos maiores entre o local, o regional e o nacional. uma nova capital a partir do nada e no nada, numa paisagem desoladora, onde alguns edifícios ergueram-se no meio do pó e da solidão (GONÇALVES, 2002, p.17).

Em meio a construções e dês-construções culturais, Goiânia vive vários momentos políticos, econômicos, educacional e cultural. O surgimento de um novo governo no Brasil, o Estado Novo, trouxe para a Educação um sistema mais autoritário, com instruções pré-militares e a inclusão dos estudos cívicos e morais nos currículos. A autonomia da educação e da Educação Física vai perdendo força, tornando-se mais disciplinadora.

A imagem nove apresentada abaixo traz como referencia esse modelo de Educação corporal apresentada pelos autores referentes. A aula de Educação Física no Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro é bastante significativa, ao observar a postura do professor vestido de terno e os alunos vestidos com uniformes que se assemelham com fardas militares, considerando o colégio Dom Pedro II como uma escola referência de qualidade do ensino no país, a viabilidade da prática da ginástica francesa utilizando material, o bastão, ilustra o formato de como eram ministradas as aulas nas escolas.

### Imagen 9



**Imagen 9 - Fonte:** Aula de Educação Física no colégio Dom Pedro II (1934)

[www.ufrgs.br/prorextmostra\\_virtual/arq10456\\_1/](http://www.ufrgs.br/prorextmostra_virtual/arq10456_1/) Acesso em 24/01/2009

## Imagen 10



**Imagen 9 - Fonte:** Aula de Educação Física no colégio Dom Pedro II (1934)

[www.ufrgs.br/prorextmostra\\_virtual/arq10456\\_1/](http://www.ufrgs.br/prorextmostra_virtual/arq10456_1/) Acesso em 24/01/2009

Esta imagem mostra outro material utilizado nas aulas de ginástica, os alteres, confeccionado com madeira maciça ressalta as instruções militares durante as aulas a fim de fortalecer os considerados filhos da pátria, pois, caso precisasse, poderiam dispor da civilidade ensinada nas escolas e utilizá-la há qualquer momento de confronto armado.

Nesse período houve também uma expansão considerável do ensino secundário no país, que influenciou o ensino de terceiro grau no Brasil. Em Goiás, isso não foi diferente, e o primeiro passo para a criação de uma Universidade foi a preparação do ensino secundário para habilitar os alunos para o acesso ao curso superior. Em Goiânia, o Liceu e a Escola Normal, que eram as escolas mais expressivas da época no que diz respeito ao ensino secundário, tiveram projetos diferentes com relação à inserção dos seus alunos no nível superior.

Fica evidente a coexistência de dois projetos educacionais distintos na instrução secundária: profissionalizante (Escola Normal) e o propedêutico (Liceu) que em

últimas instâncias conferem de status e privilégios também diferenciados. Registrase, pois, com a criação do Lyceu em 1847, uma iniciativa pública educacional voltada ao ensino superior, antes mesmo da instalação da Academia de Direito de Goyaz em 1903, a qual constituiu-se num fato de extrema significância. (BALDINO, 1991, p. 50)

O Liceu tinha como objetivo preparar os alunos o ensino de terceiro grau, enquanto a Escola Normal não expressava em seu projeto essa pretensão. Confirmando a missão do Liceu na cidade, o professor Joaquim Rezende, em entrevista a esta autora afirma:

*Me transferi para Goiânia na década de... final da década de 1950, em 1959 mais ou menos eu estava vindo para Goiânia, mas eu comecei a estudar mesmo em Goiânia - eu cheguei há um ano e em outro que eu comecei a estudar - comecei a estudar no Liceu de Goiânia, a gente fazia um verdadeiro vestibular para poder passar era difícil conseguir vagas. Então eu penei... Porque estava acostumado lá no interior, nota 7, 8, 9, e aqui era 2, 3, essas eram a média das notas. A gente estranhou muito mais, foi bom porque era uma escola muito boa, na época todos esses políticos hoje que estão em evidência, todos passaram por lá, nós somos contemporânes e a convivência foi muito boa, e eu aprendi muito na vida estudantil, a minha vida estudantil foi muito boa, no Liceu de Goiânia e depois quando eu passei para o ensino superior né, ai deslanchou de vez. (Professor Joaquim Rezende – Entrevista concedido em 19/12/2009)*

A imagem onze mostram a retidão dos corpos e a disciplina, encontrada nas aulas de Educação Física desenvolvidas nas escolas de primeiro e segundo grau do país. Na época as aulas eram divididas por gênero: masculino e feminino.

### Imagen 11



**Fonte:** Aulas de ginástica na escola do Rio de Janeiro (1938) / [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm) -  
Acesso em 04/05/2007

Nessa imagem a disciplina do corpo servia para disciplinar também a mente dos futuros cidadãos brasileiros. O uniforme branco contrastando com a terra da quadra improvisada, guardava a expressão da sistematização do conceito de Educação corporal higienista desenvolvida nas escolas mediante métodos de ginástica europeus.

A diferença dos movimentos era demarcada por procedimentos corporais específicos e para as meninas os movimentos eram suáveis e para os meninos os movimentos deveriam ser retos e praticados com outra intensidade, isso se justifica na amplitude das articulações do corpo durante as flexões. Portanto, esse modelo de Educação Física para homens e mulheres deveria ter como base o preparo de pessoas fortes. Destacando a preservação das diferenças sociais estabelecidas para cada sexo. Essa disciplina do corpo servia para disciplinar a mente dos futuros cidadãos brasileiros.

Como se vê o processo educacional do país esteve sempre vinculado a um contexto político, econômico e cultural. Contextualizando historicamente essa modalidade de ensino,

Cunha (2000), afirma que o terceiro grau aparece pela primeira vez no país em 1550, na sede do governo-geral em Salvador, Bahia, criado pelos jesuítas. Somente no século XIX, quando o Brasil recebe o título de Reino Unido a Portugal e Algarves, é que foi criado o formato de ensino superior, mas foi no início do século XX que ele é institucionalizado nos moldes que se conhece hoje.

Segundo Baldino (1991, p. 35), o fenômeno se configura “enquanto um campo onde coexistem diferentes tipos de organização acadêmica-administrativa (faculdades isoladas, institutos ou universidades) melhor explicita a realidade contraditória que é o ensino superior brasileiro”.

Diante do quadro do ensino superior do país, observa-se algumas características inabituais como um todo. E sobre essa peculiaridade brasileira, Cunha (2000) atribui essa especificidade a duas realidades bem demarcadas: de um lado, as universidades, e de outro, as instituições de pequeno porte. Em relação às instituições de pequeno porte, diz o autor: “Estas são em geral instituições especializadas, credenciadas pelo Governo Federal para conferir diplomas nas mais diversas especialidades, em igualdade de condições com as instituições propriamente universitárias”. (CUNHA, 2000, p. 151)

As primeiras instituições de pequeno porte eram dedicadas ao ensino superior independente, com as cátedras, criadas pelo primeiro Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza. Estas tinham como objetivo formar, o mais rápido possível, profissionais liberais, tais como médicos, engenheiros e juristas. Após essa decisão de construir essa modalidade de ensino no país, o governador criou os primeiros cursos superiores no Brasil, em diferentes locais. O curso de Medicina foi criado na Bahia e no Rio de Janeiro; o de engenharia foi instalado na Academia Militar, no Rio de Janeiro; e mais tarde surgiu o curso de Direito em Olinda e São Paulo.

Esse três cursos profissionalizantes, Engenharia, Medicina e Direito, preponderaram no Brasil durante muitos anos.

Essas cátedras eram unidades de ensino de extrema simplicidade, consistindo num professor que com seus próprios meios ensinava seus alunos em locais improvisados. Foram as escolas, as academias e as faculdades, surgidas mais tarde, a partir das cátedras isoladas, as unidades de ensino superior que possuíam uma direção especializada, programas sistematizados e organizados conforme uma seriação preestabelecida, funcionários não decentes, meios de ensino e local próprio. (CUNHA, 2000, p. 154)

Nessa concepção, duas questões contextuais foram importantes para o processo de construção da educação de terceiro grau no país: as transformações econômicas do país e a

a necessidade de um ensino livre dos privilégios que os diplomas traziam para algumas pessoas, estas de caráter mais ideológico.

Apenas em 1920, foi criada no Rio de Janeiro a Universidade do Brasil, cujo status de universidade foi resultado da junção de diversas cátedras. Por um lado, se criava a tão esperada universidade: mas, por outro, não se tinha um projeto ainda consistente de universidade, pois esta não estava vinculada com produção de conhecimento tal como alguns intelectuais que a defendiam e desejavam.

Dois anos após a criação da primeira universidade brasileira, criou-se também na cidade de São Paulo o primeiro curso de formação de professores de Educação Física do Brasil, nas dependências da Escola Militar, em 1922. Vale a pena lembrar que a cultura militar sempre foi um traço importante na construção da identidade dos cursos de Educação Física criados até a década de 1980 no Brasil. No *livro A história que não se conta*, o professor Lino Castellani Filho fala sobre a formação dos primeiros professores civis no país:

A criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de dezembro de 1810, com o nome de Academia Real Militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil; a introdução da Ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra-mestre de ginástica da Escola Militar; a fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial de São Paulo – o mais antigo estabelecimento de todo país; a portaria do Ministério da Guerra, de 10 de janeiro de 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas – [...] somados a muitos outros fatos, como por exemplo a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física, em nosso meio, validam a referida afirmação. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 34)

A educação corporal disseminada por esses primeiros professores civis era feita à luz dos conceitos da medicina social e dos padrões da educação militar, e ambos pregavam a assepsia social nacional. Nessa concepção de educação do corpo, esses conceitos eram difundidos entre as famílias como orientadores para a formação de indivíduos saudáveis, fortes e dinâmicos, qualidades indispensável ao desenvolvimento da nação.

Em anexo encontram-se as imagens 11 e 12 identificando qual era a relação entre a educação corporal e a influencia militar nas escolas de ensino básico do país, essas fotos foram retiradas de aulas de educação física na escola Dom Pedro II, instituição criada no Rio de Janeiro no século XIX, considerada referencia em relação a qualidade de ensino na

antiga Capital Federal do Brasil.

Segundo Baldino (1991), essa experiência de desenvolvimento educacional refletida no ensino superior, também influenciou a formação dos cursos de professores e monitores de Educação Física construída em algumas capitais brasileiras no início do século XX. E essas concepções foram difundidas por dois tipos de discursos: um institucional e outro crítico.

Tal fenômeno tem sido, até agora, explicado de um lado, mediante o discurso institucional do progresso, da interiorização da ciência e da cultura, da fixação da juventude em sua terra de origem; de outro, mediante o que se convencionou chamar criticamente de expansão desordenada. Este entendimento supõe que os projetos governamentais decorrem de estudos preliminares com autonomia e liberdade de definirem suas ações orientadoras. É como se o planejamento fosse orientado por uma certa racionalidade. (BALDINO, 1991, p. 24)

Diante dessa racionalização institucional, é importante ressaltar que apesar de o ensino superior brasileiro ter sido criado no país em 1550, ele segue no que diz respeito a legislação, apenas em 1931, com a promulgação do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, assinado por Francisco Campos, na época o Ministro da Educação. O documento versava sobre as seguintes organizações do ensino superior brasileiro:

Art. 1º o ensino universitário tem como finalidade; -elevar o nível de cultural geral;

Estimular a investigação científica em qualquer domínio dos conhecimentos humanos;

Habilitar o exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior;

Concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento da humanidade.

Nesse contexto nacional, Fernando de Azevedo e outros educadores de diferentes áreas reorganizam os ensinos primário, normal e profissional do Distrito Federal, através de Reforma Educacional, estabelecendo dentre outras medidas, a obrigatoriedade de Educação Física para todos os alunos. Os educadores que promoveram essas mudanças foram

movidos pela necessidade de reformular algo que consideravam atrasados e anacrônicos. Baseados em conceitos críticos e criativos, os professores perceberam que o acesso à educação deveria ser um direito básico do indivíduo. Por isso, defendiam a necessidade de estender o acesso à escola a toda a população, pensando esta como uma instituição gratuita, laica e como um dever do Estado. O ponto relevante dessa reflexão foi a percepção do valor que a educação e também a Educação Física tinha para concretizar as possíveis mudanças, tais como, tirar

o Brasil do atraso cultural em que permanecia. Portanto a educação corporal apresentava-se, como uma possibilidade de atuar sobre o corpo, porém visando educar não só o corpo, mas também a sensibilidade, e a forma de perceber e agir sobre a realidade. E nessa Reforma prescrevia no artigo 613, que

Nenhum prédio escolar será construído sem que compreenda pátio de recreio e de exercícios físicos, pavilhões cobertos para ginástica, de 12 metros por 24, no mínimo, uma piscina ou banheiro e oficinas de pequenas indústrias. (MARINHO, 1980, p. 173)

Essa reforma desenhava o futuro para a Educação Física no Brasil, e abri espaço para as mulheres, que deveriam participar de todas as atividades, ressalvando-se suas condições peculiares.

A imagem onze também demonstra uma apresentação de ginástica infantil na escola, nessa foto Educação Física já está influenciada pelas reformas educacionais que dentre outras idéias, acreditavam que as aulas poderiam ser ministrada conjuntamente entre meninas e meninos, sem perdas morais e físicas. As Aulas de Educação Física nessa perspectiva tinham como função principal preparar os alunos para servir a pátria, por isso a estrutura rígida disciplinar, e o conceito de retidão era aplicado desde as primeiras experiências escolares, aprimorando o vigor físico dos alunos para essa possível tarefa. Outra característica importante para essa análise é a padronização representada pelos uniformes dos alunos.

Após muitos conflitos, na década de 1930 durante o governo do presidente Washington Luis a Educação Física se torna obrigatória no ensino, mas agora de forma metódica, em todos os níveis, desde a escola primária. O método escolhido foi o Método de ensino denominado Francês<sup>7</sup> que vigorou no Brasil de 1931 a 1944, como programa oficial

---

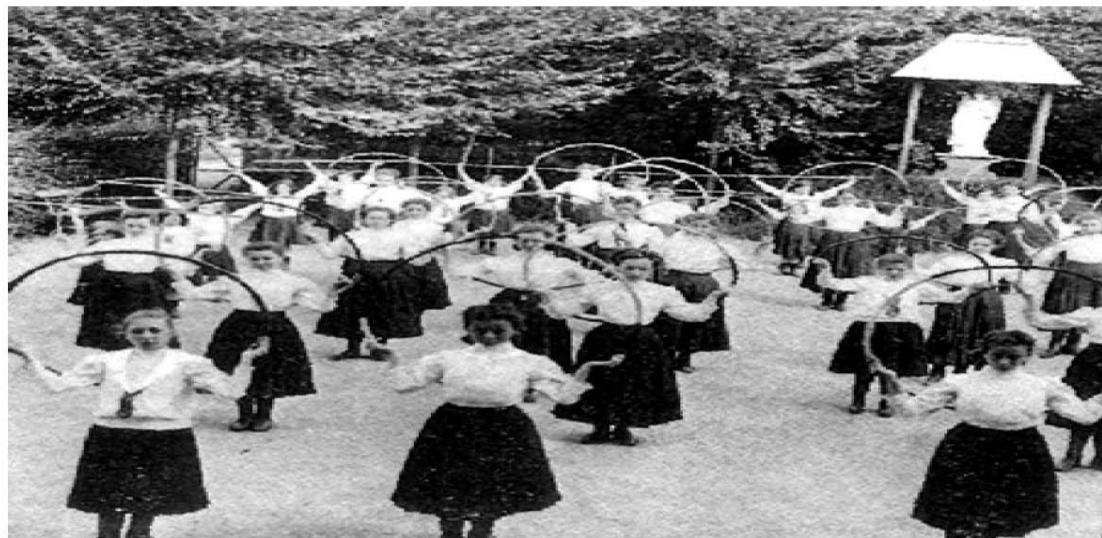
<sup>7</sup> Segundo Soares (2001) a ginástica francesa surge na primeira metade do século XIX,

de ensino da Educação Física. Em especificidade, seus objetivos era o de

Proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito, corrente assim para formar o homem em ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cônscio de seu valor e de suas responsabilidades. (MARINHO, 1980, p.174)

Portanto a imagem demonstrada destaca a forma de praticar a ginástica europeia nas escolas brasileiras espalhadas nos Estados do Brasil, a postura, a ordem e o uniforme traduz o conceito pré-estabelecido. Assim a ginástica criada por Amorós traz consigo imagens, conceitos de outros tempos. Nos interditos de seu método, é versada uma retórica da negação do circo, dos artistas de feira, das representações de rua, do corpo como espetáculo. Por esse motivo Soares (2005), diz ser adequado compreender ginástica metódica busca a afirmação de novos códigos, sentidos e significados, de novos modos de ser e de viver.

### **Imagen 12**



**Imagen 12 - Fonte:** ginástica feminina –

<http://img26.photobucket.com/albums/v78/janela/imagens/proverbios/> Acesso 26/05/07

---

baseada na ginástica sueca, foi fundada por D. Francisco de Amorós y Ondeaño (1770-1848) e a sua prática teria como objetivo, assegurar o mais perfeito desenvolvimento do indivíduo e em facultar-lhe o melhor rendimento e equilíbrio das grandes funções: deve, também e principalmente, ensinar a disciplinar os movimentos e a contrair hábitos musculares que melhor se adaptem às aplicações úteis da vida.

Esta imagem apresenta uma aula de ginástica feminina ao ar livre, vestidas com saia e blusas de manga comprida, as alunas fazem movimentos suaves e sincronizados com arcos que visam prepará-las para a função primordial de sua educação - a guarda da família. Assim, as alunas eram preparadas para ser as mães da pátria. Para isso, o corpo feminino precisava estar em condições adequadas para a gestação. Os movimentos da ginástica feminina buscavam o fortalecimento da região lombar e pélvica, com flexões com ou sem aparelhos.

**Imagen 13**



**Fonte:** ginástica feminina – <http://img26.photobucket.com/albums/v78/janela/imagens/proverbios> / Acesso 26/05/07

Esta imagem traz uma apresentação de ginástica alemã em escola confessional para meninas e nela se vê na parte superior da foto uma paisagem natural com árvores e cercas de madeiras, demonstrando o contraste entre o moderno representado pela ginástica e atrasado representado pelo rural.

**Imagen 14**



**Fonte:** – alunos apresentando a equipe de ginástica da escola – Porto Alegre em 1938.

[www.ufrgs.br/prorextmostra\\_virtual/arq10456\\_1/](http://www.ufrgs.br/prorextmostra_virtual/arq10456_1/) Acesso em 15/08/2008

A foto apresenta uma organização estética oriunda de uma concepção higienista, segundo qual a cor branca predominante demonstra a necessidade do asseio e da limpeza física e moral. A postura ereta dos alunos: com os homens em pé, nas extremidades, como sinônimo de proteção para com as mulheres que estão sentadas ao centro: o sapato branco de todos que reforçava a importância da organização e da higiene pessoal

Na imagem 15 se vê não só o conceito de desporto difundido pela educação corporal do país como também o conceito de corpo masculino: a proporcionalidade das formas era marcante e não havia exagero muscular, pois a musculatura era desenvolvida de forma natural e simétrica.

### Imagen 15



**Fonte:** Remo na cidade de Porto Alegre (1940)

[www.ufrgs.br/prorextmostra\\_virtual/arq10456\\_1/](http://www.ufrgs.br/prorextmostra_virtual/arq10456_1/) Acesso em 12/05/2008

A Ginástica européia nasce como uma imagem bem definida, apresentando nítidos contornos das marcas a serem impressas no corpo. Ela vai, de certo modo e em certa medida dando visibilidade ao que poderíamos chamar de corpo educado, compondo o denso registro de saberes que se constituem a partir da tomada do corpo como objeto de cuidado.

Outro método de ginástica desenvolvido no Brasil foi a ginástica sueca<sup>9</sup>, segundo Moreno (2003) essa ginástica européia fundamentou-se em múltiplos conhecimentos: na biologia humana, nas ciências naturais, morais e sociais e na pedagogia, ele pretendia que o método fosse mais do que uma receita para viver bem no plano meramente biológico. O que o método sueco se tornou o aproximava de uma doutrina, ortodoxa e rígida, atuando na

atenção e na vontade, interferindo no comportamento moral e social do indivíduo.

O principal defensor da implantação do método sueco nas escolas brasileiras foi Rui Barbosa, em seus discursos ele dizia frequentemente sobre a importância do método sueco de ginástica para a formação da grande massa que era constituída pelo povo.

É neste quadro que a idéia de educação como instrumento capaz de transformar um país se faz presente de modo marcante no pensamento das elites identificadas com o novo. Rui Barbosa é um de seus porta-vozes mais expressivos. Todavia, em Rui Barbosa, como representante das elites, a idéias da educação como algo capaz de transformar a sociedade caótica que se mostra aos seus olhos, não aparece sozinha. Juntamente com ela e, principalmente por meio dela, surge a idéia da saúde e de como ser saudável. Para alcançar este ser saudável seria necessário recorrer à higiene e, sobretudo, acentuar a sua importância na escola. Higiene e educação juntas poderiam mudar a face do país, promover o seu desenvolvimento, viabilizar o progresso. (SOARES, 2001, p. 89)

Contradizendo esse conceito de educação corporal importado da Europa para o Brasil houve uma resistência política e cultural com esse modelo de Educação Física proposta pelos métodos de ginástica francês e sueco. Para Moreno (2003), a autora afirmar que ao constituir os homens forte defensores da Pátria, o povo, o homem comum, principalmente os negros e marginais era muito alheio às questões políticas e

Segundo Moreno (2003), Em 1805, Per-Henrick-Ling (1776-1839), foi o percurso deste método de ginástica, sueco, professor de esgrima, encontrava-se com uma paralisia no braço direito e com predisposições para a tuberculose. Tentando combater esse mal, resolve fortalecer seus pulmões por intermédio de movimentos de braços, conjugados com inspirações profundas. Começa a nascer assim a ginástica sueca, pensada como um método – racional e prático – para o desenvolvimento e robustecimento dos diversos órgãos do corpo humano. Baseado nas ciências naturais, alastrava-se pelo país como solução para a regeneração do povo escandinavo. culturais – ou melhor, tratava-as de um jeito muito próprio, assim, o corpo do homem comum brasileiro não dava lugar a prática destas ginásticas européias. Nesse sentido, corpo do homem simples era o não-lugar da ginástica.

O que equivale a dizer, metaoricamente, que a ginástica, como prática corporal, não encontrou no corpo do homem comum no Brasil espaço para alojar-se. Permissão não dada porque nada havia nessa prática que pudesse impactar esse corpo, algo que pudesse gerar um mínimo de identidade. Na vida cotidiana do homem comum, no país, encontrava-se uma identidade incompatível com os preceitos de uma ginástica que idealizava e esquadinhava os corpos, submetendo-

os a uma prática que de tão racional, tão científica, tornara-se monótona. Uma ginástica que, não falava para toda a população brasileira – acostumado à alegria das danças, da roda de capoeira, das festas etc. Um povo que tinha, enfim, a alegria como motor de sua história e, portanto, também de suas práticas corporais. ( MORENO, 2003, p. 06)

A marca cultural da população brasileira, traduz também em prática corporal e de forma simbólica o modo como homens e mulheres cuidam e se servem (ou não) de seus corpos, expressão uma visão de mundo de quem as praticam como documentos históricos, testemunhas de um espaço-tempo, assim como o corpo pode ser visto como um arquivo, depositário de valores, crenças, histórias. Tentando resgatar essa marca

cultural o professor Inezil Pena Marinho<sup>10</sup> propõem um método genuinamente brasileiro de ginástica a capoeira e sobre isso o professor Joaquim Rezende em entrevista concedida a autora refere-se.

*Ele conhecia tudo sobre a educação física, ele era um pesquisador da área tanto é que o método, ele lançou no Brasil um método a partir da capoeira, foi o Inezil Pena Marinho que lançou o método esse método chamava educação física brasileira, só que não pegou porque a influência estrangeira no Brasil é muito forte. Alias, tudo que é estrangeiro é melhor, né? [risos] mais ele conhecia, conhecia a fundo, psicologia, filosofia, sociologia, ele conhecia tudo. Ele era um estudioso e fazia a prática, fazia os exercícios dele e praticava os levantamento de pesos dele, naquela época se chamava levantamento de peso não era musculação.*  
( Entrevista19/12/2008.)

Moreno (2003) acrescenta ainda dizendo, a forma de praticar a ginástica européia esta na contramão da forma de praticar a capoeira, esta prática costumeira em 10 O professor Inezil Pena Marinho, ocupou cargos importantes no Ministério de Educação, dentre eles foi Técnico de Educação entre 1940 a 1971. De 1960 a 1970 ele ocupou o posto de Assessor Jurídico do Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, e entre os anos de 1963 e 1964, foi também, professor convidado da primeira turma de formação de professores de Educação Física do Centro Oeste, na ESEFFEGO. ( Marinho, 2005, p. 9) algumas cidades do país, cuja principal característica é virar o mundo “de pernas para o ar”. Deflagrando que a diferenças que estavam nos movimentos e na disposição espacial em que eram praticadas esta também nas questões culturais e simbólicas. Como não lembrar das “colunas por 4” em que a ginástica era praticada, e a roda de capoeira? Como, a partir dessa diferença de disposição espacial, como não pensar nos movimentos idênticos de um grupo

de ginastas – que os tornam quase como espelhos um do outro – em contraponto aos movimentos de capoeira, que precisam ser diferentes para “encaixar-se”, são um metade do outro e sendo diferentes tornam-se um só corpo? Metaforicamente, uma sessão de ginástica é um monólogo corporal, enquanto um jogo de capoeira seria um diálogo.

Diálogo porque não interrompe o movimento do outro, mas preenche. Poderíamos dizer que nesse jogo jogam três: os dois capoeiristas e o espaço vazio. É aproveitando o espaço que um deixa que o outro construa o seu movimento, plasmando-se como um líquido. Assim como os movimentos são mais do que gestos mecânicos, a roda (o círculo) e as colunas (a reta) são mais do que disposições espaciais: são formas de enxergar o mundo. Como se configurassem o mundo do capoeirista e o mundo do ginasta. Além disso, e sobretudo, estabelecem uma diferença de “disposição corporal”, de sentimento com o qual praticam essas atividades, diferença na perspectiva de quem joga capoeira e de quem faz ginástica, diferença no cheiro que exalam, diferença nos sons que emitem, diferença, enfim, de mundo. ( MORENO, 2003, p. 7)

Assim como no restante dos Estados brasileiros, em Goiás especialmente em Goiânia, também se desenvolvia o modelo de Educação Física, pautado nas ginásticas europeias, em algumas escolas de ensino básico e de ensino secundário, principalmente naquelas mais tradicionais como o Liceu, o Instituto de Educação, e outras.

### Imagen 16



**Fonte:** [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_história/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_história/htm) / Acesso em 15/10/2008

A imagem apresenta uma demonstração cívica na escola a partir de um modelo de ginástica desenvolvido nas aulas de Educação Física e que tinha como função principal educar física e moralmente os homens para servir à pátria. Esse conceito de retidão, de padronização, representado pelos uniformes não é apresentado apenas pelos alunos, mas também aparece no posicionamento do professor.

Não existe registro de quando essa disciplina entrou no currículo das escolas em Goiânia, mas se constatou que na década de 1950, as instituições de segundo grau já possuíam uma Educação Física bastante consistente. O ensino de esporte era uma marca de qualidade para algumas delas, apesar da deficiência das estruturas físicas para as aulas de Educação Física, que eram ministradas em forma de esporte por professores, em sua maioria, leigos. A esse respeito, disse o professor Dalmo Teixeira:

*A Educação Física para nós aqui era o esporte, não é? A gente fazia era no Liceu, no Santa Clara, nos colégios assim. Às vezes eram professores leigos que davam aulas para nós, não é? Então não era tão difundido, não é? Não, era o futebol, voleibol, basquetebol. Atletismo, não era muito difundido. Era, mas muito pouco, então não era grande coisa, natação também, era só o Jóquei Clube, porque aqui não tinha ginásio, nós não tínhamos ginásio, então a Educação Física.... Não tínhamos nem uma pista de atletismo, não tínhamos nada. Então, era muito deficiente essa parte. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008.)*

A consolidação da Educação Física em Goiás deu-se com a criação da Fundação Estadual de Esporte em 1961. Foi nesse ano que no exercício do mandato de deputado, Mauro Borges proferiu um discurso em favor da cultura física em Goiás na Assembléia Legislativa. No ano seguinte Mauro Borges assumiu o governo do Estado e acentuou.

Devemos reconhecer que nosso Estado não possui, infelizmente, uma organização ampla e poderosa de amparo e apoio à Educação Física e aos desportos. Estamos dispostos a criá-la. É indispensável que os esportes não se circunscreva apenas aos círculos profissionais ou a alguns poucos clubes de pessoas abastadas. Temos que levar a cultura física e os prazeres da prática esportiva às grandes massas da população. Faremos construir nas principais cidades praças de esportes populares, providas de todas as instalações modernas, com piscinas, quadras de tênis, vôlei, basquete, e campo de futebol, para uso de qualquer cidadão comum. Em cada Praça de Esporte haverá um técnico em Educação Física, para orientar a juventude nos modernos padrões da cultura física. (TEIXEIRA, Mauro Borges. Arquivo da Assembléia Legislativa proferido pelo deputado, 1961, p. 06)

A ESEFEGO nasceu da necessidade histórica e social que a cidade, o Estado e a região tinham em construir um novo modelo de homem, de educação e de Educação Física. A falta de professores especializados para essa empreitada socio cultural provocou o desejo

concreto, por parte da administração pública e de alguns professores formados que se estabeleciam em Goiânia, de se construir uma Escola de Educação Física no coração do Brasil, que atendesse essas reivindicações estruturais da região. Os laços familiares e culturais, aliados às questões econômicas, fermentaram essa discussão, intensificando a efetivação da proposta encaminhada pelo deputado Mauro Borges à Assembléia. O intuito era garantir a permanência dos filhos em Goiânia para que pudessem estudar e trabalhar sem precisar se deslocar para outras cidades, como era o costume até então. Sobre esse processo de enraizamento das pessoas nas suas cidades, diz o professor Dalmo Teixeira:

*No ano, até 1965, 1963, perdão, não tinha Escola de Educação Física em Goiás. Quando alguém que se interessava em fazer algum curso, tinha que ir para São Paulo, Rio de Janeiro [...] aconteceu com vários professores nossos, professor Geovane Peclat, professora Liz Pereira, e com outros professores que se interessaram, então para fazer o curso de Educação Física tinha que ir para lá. Goiás naquele tempo, em 1963, não tinha muito professor ou quase nada, professores formados no Estado de Goiás, tinha mais ou menos só sete professores, formados e não tinha condição de formar mais professores porque não tinha escola e no Brasil as escolas eram poucas, era Rio, São Paulo, Rio Grande do sul, Paraná, sendo que cada um desses Estados tinha uma só Escola. Não era difundido com hoje. Pernambuco tinha, eu acho que Bahia tinha, Belo Horizonte, Brasília, acho que ainda não tinha, ainda não. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008)*

Antecedendo a ESEFEGO, o Governo Estadual criou a Fundação Estadual de Esporte ( FEE), com a Lei de nº. 3645, de 12/11/61, resultado da plataforma de Mauro Borges, quando de sua asseunção ao governo do Estado. Esse novo órgão gerenciava, organizava e difundia a prática de esporte em todo o Estado de Goiás. Seus objetivos principais eram, segundo SIQUEIRA (1961):

- Fazer a formação de profissionais na área dos esportes, como: professores, técnicos e médicos;
- Difundir e fiscalizar a prática do esporte em Goiás;
- Construir e administrar as Praças de Esportes no Estado;
- Gerenciar financeiramente o esporte em todo o território goiano.

Esse projeto via o esporte como um instrumento com grande poder de mobilização e socialização para a camada popular da cidade. O propósito do governador Mauro Borges de construir praças de esportes para dar ao povo lazer, esporte e saúde, com qualidade, era grandioso: além das três praças construídas em Goiânia – na Vila Nova, no Setor dos Funcionários e no setor Pedro Ludovico Teixeira, foram criadas outras em Rio Verde,

Itumbiara, Anápolis, Firminópolis. Mas e para garantir o seu funcionamento precisava-se de pessoas especializadas para executar o projeto, visto que Goiás não possuía profissionais suficientes para esse labor. Sobre esse assunto, um dos professores fundadores da Fundação e da ESEFEGO, o capitão Carlos Rodrigues Nascimento disse:

Havia um programa que incluía Educação Física, voleibol, basquetebol etc, e nos éramos somente cinco professores, o que era impossível para atender todas as praças e a administração da FEE nos colégios, quem dava aulas de Educação Física eram os soldados da polícia – que dava Educação Física militar, incompatível com a criança. Então o que acontecia: os pais mandavam os filhos sadios e os recebiam de volta lesionados pela natureza da Educação Física militar do quartel e dada por quem não tinha qualificação. Então resolvemos fazer o curso de monitores pela FEE. Nós procurávamos os desportistas para fazer o curso de monitores para atender as praças e depois, para atender os colégios, é que foi criado o curso de Educação Física. Em princípio, só se exigia o ginásio completo e o científico poderia se completar até o final do curso de Educação Física. Isso na primeira turma. A partir da segunda turma só se aceitaria com 2º. Grau completo e daí o curso passou a ser superior de Educação Física, e a escola passou a ser Escola Superior de Educação Física de Goiás. (In: LIMA, 1992, p. 119)

A cultura atlética proposta pela Fundação Estadual de Esporte, e aplicada através da Educação Física e dos esportes praticados nas Praças de Esportes do Povo tinha como tarefa primordial tornar real o lema: mente sã e corpo são. Daí a necessidade de profissionais qualificados para atuarem nas diferentes modalidades esportivas, considerando o biótipo corporal capaz de desempenhar consideravelmente a cultura física e o novo modelo de homem social desejado para a população goianiense.

### Imagen 17



**Fonte:** acervo da ESEFFEGO – foto da década de 1960.

Esta imagem retratam um conjunto de conceitos sobre os corpos feminino e masculino, assim como a sua compreensão estética da instituição, a partir do conjunto arquitetônico da origem da Escola, à época do seu surgimento. Nota se ainda a informalidade no vestir dos alunos de então, no comportamento, e sobre tudo, um novo conceito de educação corporal.

O aperfeiçoamento técnico dos professores seria subsidiado por pesquisas teóricas e práticas sobre esportes, bem como investigações no campo da Educação Física escolar.

Como apresenta as imagens 18 e 19 em anexo, as aulas nas praças de esportes tinham uma proposta pedagógica bem definida tanto, nas atividades desenvolvidas como, na organização pedagógica das práticas esportivas. Dessa forma as Praças de Esportes foram o projeto mais ousado da Fundação Estadual de Esporte. Ainda referindo-se as imagens 18 e 19, as aulas eram desenvolvidas em ginásios descoberto improvisados enquanto o projeto original estava sendo construído essas aulas, os uniformes eram imprescindíveis tanto para os alunos como para os monitores.

Nestas imagens abaixo vale a pena observar a organização estética e metodológica por parte do professor e dos alunos, bem com os uniformes, a organização espacial, tendo em vista que, apesar de precária mais já havia um espaço

adequado para a prática de esporte nas Praças do Povo da Vila Nova, a divisão por faixa etária, e a postura corporal dos alunos e do professor são elementos significativos, pois demarca uma concepção de Educação física pautada em princípios metodológicos e pedagógicos.



**Fonte:** acervo pessoal do professor Joaquim Rezende (1963)

Para a realização das atividades previstas, as Praça deveriam possuir espaços arquitetônicos apropriados e modernos para a prática esportiva, piscinas, ginásios poliesportivos, quadras, campo, e aparelhos de ginástica com barra duplas, traves de equilíbrio, torre de escalada e dois pórticos. Ainda fazia parte do projeto assegurar a gratuidade de uniformes, lanches e assistência médica e odontológica para cada um dos aluno. As Praças foram construídas em bairros periféricos da capital. Segundo o professor Joaquim Rezende, em entrevista a esta autora, Goiânia ainda não possuía em 1963 uma expansão urbana como hoje, daí a possibilidade de se fazer uma Praça em cada bairro da capital e em cada cidade populosa do interior.

*Na época, os bairros de Goiânia não eram muitos, devia ter uns 10 bairros em Goiânia, naquela época, grosso modo. Mas então, ele pensava que iria começar com um projeto, uma praça de esporte em cada bairro, de Goiânia e uma Praça de Esporte em cada cidade do interior, e ele, o então governador Mauro Borges precisava de gente para poder trabalhar nessas Praças de Esportes que eram chamadas de Praça do Esporte do Povo; ele criou nesse Plano MB, a Praça de Esporte do Setor Leste-Universitário, que é na Vila Nova, e criou a do Setor dos Funcionários e criou a do Setor Pedro Ludovico; então criou em três pólos diferentes. Três pontos diferentes, fechando os pontos da cidade e foi quando surgiu o curso que eu fui fazer. (Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008)*

As Praças do Povo garantiam ocupação das horas livres de crianças e adolescentes goianienses; mediante a prática de esportes, conforme previsto no Plano de Metas do então governador Mauro Borges. Com isso, a área da Educação Física por expandia e se consolidava no Estado de Goiás, visto que o Plano Mauro Borges, não estava desvinculado dos projetos nacionais vigentes, que visavam o desenvolvimento econômico da cidade e do país pela vertente desenvolvimentista, incluindo a educação popular, e também os projetos de formação de professores para o ensino primário.

Eu achava isso: devido à pobreza do nosso povo, às dificuldades do menino de classe média ou do povo mais pobre de participar de um clube, levava ao Estado a necessidade de fazer as Praças de Esportes do Povo, dando um caráter mais amplo não só da praça de esportes, mas na sua melhoria de viver, de sentir o uso de piscinas, enfim uma melhoria do padrão de vida, através de uma oportunidade de todos para pisarem dentro de uma praça de Esportes. O chuveiro para tomar banho. As crianças pobres que lá chegassesem eram orientadas como se fazia as normas de higiene, tinham toalhas para se enxugarem. Elas eram bem orientadas na prática de ginástica individual e nos esportes. Essa era a nossa ambição. Mas devido à

antecipação do término de meu governo, perdi um ano.... eram cinco anos, e só fiz quatro anos e o último – o 4º – já mal podia governar devido às pressões contra mim. Eu passo na porta de ESEFEGO e me sinto orgulhoso de ver a juventude praticar esporte de tudo isso. (In: LIMA, 1992, p. 123)

Para Mauro Borges o cultivo da cultura física idealizado para os goianienses ultrapassava o conceito de educar o corpo por meio através do esporte: era uma forma de educar segundo um novo conceito de sujeito social, visando a disciplina corporal, mas principalmente a absorção dos conceitos morais e éticos contidos no novo cenário político e social que o Brasil vivia fazendo parte de um reordenamento social do país.

(....) essa idéia de esportes do povo é exatamente um demonstração que não tinha divisão de classes, de riqueza, de poder, era aberta para todos. Era uma maneira a mais de ajudar na educação, inclusive dos mais pobres. (...) eu pensava que a Praça de Esportes do Povo seria a oportunidade para que desabrochasse entre as crianças mais pobres valores individuais na práticas de competições, essas coisas todas. ( LIMA, 1992, p. 123, - entrevista cedida no dia 10/02/1992, pelo Deputado Mauro Borges Teixeira em seu gabinete na Câmara)

Todos os professores pioneiros entrevistados nesta pesquisa fizeram menção à com a viagem do então governador Mauro Borges para Kibuts de Israel no ano de 1962.

Para eles, essa viagem trouxeram mudanças substanciais ao tipo de curso que se criou na ESEFEGO.

*Quando eu prestei o vestibular e fiz ESEFEGO, naquela época o curso era para dois anos, era para monitores de Educação Física, era no governo do Mauro Borges, e ele tinha lançado em Goiás o Plano MB, e esse plano, após ele ser eleito, ele foi a um passeio lá para a Arábia, no mundo... Naquele Mediterrâneo por ali, e ficou conhecendo alguns processos educacionais que ele achou interessantes e que tentou trazer para Goiás. (Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008)*

Na visão de LIMA (1992, p. 126), outro ponto importante a se destacar plataforma de governo de Mauro Borges foi a introdução da educação tecnicista no país e, consequentemente, em Goiás: “O professor seria o elemento fundamental para a transformação e o desenvolvimento da sociedade, na preparação do homem para a vida social, para sua realização profissional e para receber os avanços tecnológicos modernos.”

Lima analisa em sua dissertação de mestrado a fundação da Escola de Educação Física de Goiás, que surge com dois objetivos principais: a necessidade de formar professores para o Estado e de fazer disso um fator político bastante vantajoso para o Governo Estadual de então.

A junção desses dois objetivos gerou o primeiro curso de monitores de Educação Física que, no ano seguinte deu origem a primeira escola superior de Educação Física da região central do país, a ESEFEGO.

Retomando o panorama político de modernização das universidades brasileiras, na década de 1960 ocorreram em todo o país grandes mobilizações em diferentes setores da sociedade – a população se mobilizou e passou a atuar nas mais diversas frentes, que iam da educação a campanhas de erradicação de doenças.

Segundo Nascimento (2002), no Estado de Goiás o ensino superior nesse período ainda não se encontrava solidamente estruturado. A primeira Universidade do Centro-Oeste havia sido criada recentemente em 1959 – a Universidade de Goiás posteriormente se chamada de Universidade Católica de Goiás; Até então havia em Goiás apenas algumas faculdades isoladas, e no ano de 1960 criou-se a Universidade Federal de Goiás.

A imagem 19 em anexo detalha uma passagem importante para a consolidação das Universidades no Estado de Goiás, a formatura da primeira turma da atual Universidade de Goiás, garantindo a sua expansão político e cultural, na festividade o então presidente da República Juscelino Kubitschek se fez presente demonstrando o valor político dessa conquista para Goiás.

No entanto, a criação das duas universidades deu-se no bojo de lutas que se desenvolviam no país entre o ensino público e gratuito e o ensino confessional e particular. Ademais, a extensão da gratuidade da educação era uma das bandeiras ideológica do discurso nacionalista, que tomava conta do país, em especial, nos espaços educacionais, políticos e culturais.

Apesar da criação das duas universidades em Goiânia ter ocorrido no final da década de 1950 e início da década de 1960, as instituições isoladas já estavam engajadas nas discussões que circulavam no panorama universitário brasileiro. Os estudantes tanto, na esfera nacional como regional e local, já possuíam as suas organizações estudantis, que também se apropriavam desse discurso como bandeiras de lutas.

Apesar de toda essa efervescência política e cultural brasileira, com o aconteceu o golpe militar de 1964 foram arrebatadas todas as propostas que vinham sendo discutidas por uma camada da sociedade científica e política do país. Segundo Cunha (2000), o golpe representou para a realidade brasileira uma enorme contradição: de um lado, as idéias e os ideais democráticos, sustentados por conceitos críticos de sociedade, foram exterminados de forma autoritária, pois eram considerados uma ameaça ao regime. Além disso com a

promulgação do Ato Institucional nº. 5/68, a universidade perde totalmente sua autonomia, com a extinção do regime de cátedras e a proibição de qualquer ato que fosse considerado subversivo, dentre outros.

Mas, por outro lado, foi nesse período que as universidades se estruturaram tecnologicamente e se firmaram em densidade, com a construção de prédios modernos, laboratórios, se destacando pelos números de pesquisas que foram feitas e, principalmente, pelo número de estudantes, que cresceu expressivamente.

E a história mostra o papel das universidades brasileiras na redemocratização do país e na consolidação de um espaço fértil para discussões e construção de projetos nacionais de cunho político, econômico e cultural.

Sobre a relação com as universidades e os estudantes de Goiânia na década de 1960, Nascimento (2002) traz em sua dissertação alguns depoimentos de professores universitários que na época em 1960 eram estudantes. Um desses depoimentos é o do professor Licinio Leal Barbosa, que discorre sobre a representação do ensino superior em Goiânia, nos primeiros anos da década de 1960 e esclarece alguns conceitos do ensino superior em Goiânia, enfocando sua representação de Universidade e de cidade.

As primeiras reivindicações da época eram de cunho nacionalista. Vínhamos da campanha nacional pela preservação de nossas reservas petrolíferas, conhecidas como o petróleo é nosso, encarnada na luta de Gondim da Fonseca. No âmbito estadual lutou-se pela preservação das reservas de mogno na Amazônia, principalmente na Amazônia goiana, cristalizada no plantio de uma muda de mogno no pátio/ jardim da Faculdade de Direito, à rua 20 (hoje Justiça Federal), - árvore viçosa, robusta, que se ergue, sobranceira ainda hoje [...] em síntese, o leit-motiv da pregação estudantil nos anos 60 era o nacionalismo: o Brasil era os brasileiros. E, no plano interno, a interiorização, a administração pública que Jânio Quadros encarnou na sua frase famosa: “ vou governar o Brasil de costas par o mar”(Apud, NASCIMENTO, 2002, p. 42)

Considerando o contexto político e cultural da década de 1960, farei a ligações entre a ESEFEGO, Universidades e a cidade de Goiânia, tendo em vista que essa relação está presente no trabalho por entender a importância do dialogo entre o singular e o plural. E este amplia o olhar para o objeto aqui pesquisado.

Segundo atas, regimento interno e demais documentos da instituição, a ESEFEGO foi fundada em regime de urgência, visto que o curso de monitores de Educação Física fora

criado para suprir a falta de professores para atuarem nas Praças do Povo e nas escolas públicas e privadas do Estado. O curso, de caráter intensivo, deveria ter duração de um ano, mas antes que se formassem os primeiros monitores foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação a sua transformação em curso superior de formação de professores de Educação Física.

Sobre essa experiência, o professor Joaquim Rezende conta em sua entrevista:

*Nós fizemos o curso e quando estávamos no final do primeiro ano, aí os próprios professores da Escola de Educação Física viram a defasagem no Estado de Goiás, e perceberam que só formar monitores não ia resolver, e decidiram mudar, passar de curso de formação de monitores para formar professor de Educação Física. Então o curso mudou. Quando nós já estávamos no segundo ano, era o ano que nós íamos formar e terminar. Passou - foi para o Conselho Estadual de Educação, estudou, e aprovou-se o curso de Educação Física em três anos. Como nós já tínhamos feito dois anos, aproveitou a grade curricular e fez só alguns acréscimos e nós ficamos mais um ano fazendo adequações do curso que estávamos fazendo, nós demoramos, ao invés de dois anos ficamos três e já saímos com o curso de Educação Física.*  
*(Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008)*

O único problema decorrente dessa mudança deveu-se ao fato de alguns dos alunos não possuírem o ensino médio. A solução encontrada foi permitir que esses alunos fizessem, ao mesmo tempo, o ensino médio e a formação superior em Educação Física, que agora seria de três anos. Apesar da mudança estrutural do curso, a sua base filosófica continuou sendo a mesma: “Uma Educação Física com disciplina formativa, que levaria o aluno a obedecer às leis da sociedade, o respeito ao adversário e às autoridades.” ( LIMA, 1992, p. 129)

Com a mudança alguns alunos precisaram se adequar à nova regra do curso. O professor Dalmo compreendeu esse processo de adaptação do currículo:

*Foi concedida a eles a oportunidade para que ele terminasse o curso científico, o segundo grau, e em decorrência disso, após eles provarem que tinham feito o curso, o título de segundo grau receberia também o título de professor, o que aconteceu com uma boa porcentagem dos nossos colegas. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em dia14/10/2008 )*

Essa mudança de nível educacional não interferiu no relacionamento entre

alunos com ou sem o ensino médio. Um sentimento de unidade entre eles, foi um ponto destacado em todas as entrevistas realizadas com todos os alunos egressos da primeira turma da ESEFEGO.

*Nós não deixamos ninguém ficar para trás, porque ninguém discriminou ninguém por não ter terminado o segundo grau, éramos alunos igualmente, a mesma coisa, tivemos um ano a mais para poder encaixar dentro desses três anos porque senão nós tínhamos terminado em dois anos e tínhamos ficado só monitor, então nós decidimos sair como professor de Educação Física e saímos com o diploma de professor. (Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008)*

Esse laço de amizade extrapolou os muros da ESEFEGO, conforme depoimento do professor Dalmo Teixeira:

*essa primeira turma eu os considero, como meus irmãos, tanto é que fui padrinho de vários casamentos de meus alunos, padrinhos de filhos e eles também no meu caso também foram padrinhos de meus filhos também e assim por diante. A nossa turma era uma turma amiga. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008)*

Segundo Lima (1992, p. 130), o professor formado pela instituição deveria, antes de tudo, ser um educador, mas ela questiona: “Seria uma Educação Física recreativa e disciplinada, uma prática desportiva saudável ou a massificação do desporto oferecido à população pobre?” Sobre esse questionamento do papel do professor, a professora Sônia Marilia, em sua entrevista a esta autora, falou sobre o papel do professor, difundido entre os alunos da primeira turma do curso de Educação Física da ESEFEGO: “*Para saber ensinar tem que saber executar*”

*Para as aulas a serem dadas para crianças pequenas, aquelas bandinhas escolar, eu era o prato da época, então havia muitos joguinhos pequenos para criança, historinhas dramatizadas, mas nós tínhamos também outras disciplinas como por exemplo, natação, atletismo, basquete, sempre voltado para criança, eles entendiam lá o seguinte: para saber ensinar era preciso saber executar. Então eu tinha, por exemplo, salto em altura, salto em distância, a técnica de como fazer isso. Mesmo que estivessem dando aula para crianças pequenas vocês terão que falar qual é a melhor maneira de saltar, vocês vão encontrar criança com coordenação muito grande. Então é bom saber qual é a melhor técnica mesmo que não se exige isso, essa técnica de uma criança, seja uma coisa mais natural mais o professor tem que saber. (Entrevista concedida pela professora Sônia Marilia no dia 22/08/2008)*

Nas escolas, os esportes e a Educação Física se tornaram um espaço de formação e de sistematização do conhecimento. Por isso, a criação da ESEFEGO e das Praças de

Esportes do Povo marcaram não só o governo de Mauro Borges, mas também a vida dos professores formados por essa instituição de tanta tradição na cidade. O projeto de educação corporal para o Estado não estava separado da sua plataforma de governo, que previa também a criação de autarquias e sociedades econômicas mistas, numa integração entre o plano educacional e as reformas econômicas e políticas do Plano MB.

Para Lima (1992, p.132), os alunos da primeira turma do curso de Educação Física da ESEFEGO investiram, com os professores, na proposta que Mauro Borges, de massificar o esporte em Goiás e, por isso, “os alunos não questionavam a metodologia aplicada nem o currículo e, muito menos, o desempenho acadêmico de seus docentes.” Contrariando todavia, o argumento de Lima, registros nos cadernos de ata da Escola mostram que os alunos reivindicavam, sim, seus direitos e questionavam a metodologia utilizada pelos docentes, apesar de não terem um retorno desejado, como expresso a seguir:

O representante discente Laércio Millazo solicitou da professoras Lyz que esclarecesse diante da Congregação, qual o critério adotado para atribuir as notas de Educação Física Geral do segundo teste prático oral às alunas Gilcê Andrade Marques e Vera Lucia Coutinho Alves, uma vez que, em particular adiantou que o grau de conceito teria sido zero (0) como medida de castigo, em virtude da falta de comparecimento das citadas alunas às demonstrações de ginástica calistênica com halteres, por ocasião das festividades que houve nesta Escola como parte das comemorações pela passagem do trigésimo aniversário da cidade de Goiânia. (Registro de ata, 1963, p. 30)

Ainda considerando a marca desse projeto de educação corporal, foram importantes para a construção desta história os fatos ligados ao cotidianos dos entrevistados, que serviram como fator fundante para elaboração das categorias de análise. A chegada de cada um a esta história traduz em palavras, fragmentos que representam o singular e o complexo. As falas dos entrevistados remetem a fragmentos da história de Goiânia e principalmente da sua trajetória de cada um deles até chegarem à formação de professores de Educação Física. Essas marcas estão nítidas nos seguintes trechos:

*Não vou longe, não, aí certa feita eu estava, estava na... Avenida Anhanguera...era, parece-me. Quando chega um colega meu, em encontro, o colega meu que fazia parte da economia, e também nós fazíamos parte da equipe de voleibol, e ele me falou: -Ô, Dalmo, você não quer fazer o, como que chama? fazer um curso, é um curso rápido, de professor de Educação Física. eu falei: - “Pô, aonde?” E ele me falou: - “Não, é o seguinte: o Governador Mauro Borges, ele está fazendo três Praças de Esportes, uma, Setor Pedro Ludovico, outra no Setor dos funcionários e outro, lá, há... na Vila Nova.” Eu tinha*

*problema porque eu era funcionário do Ministério da Agricultura, era economista do Ministério. E não tinha tempo. Ele falou assim: -“Não, é só pela manhã. Acho que não atrapalha não.” Eu falei: “Mas o que, que precisa?” - “É, vai ter que fazer inscrição e vai ter uma espécie de vestibular”. Isso parece que foi no fim de 1962, ou no começo de 1963, aí fomos lá. A gente foi, fizemos a inscrição, e a condição básica para poder fazer o vestibular, participar lá do trabalho era o seguinte: ter no mínimo o ginásio. Que tivesse o ginásio completo, poderia fazer o curso. Não era considerado um curso superior, não. Era um curso espécie assim, quase um curso básico de Educação Física só para dar condição do professor, do que fizesse o curso, lá, nesse curto espaço de tempo para poder pegar conhecimentos técnicos, para poder atuar nas Praças de que o Governador Mauro Borges tinha inaugurado. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008) Eu vim para fazer o científico e eu pensava naquela época que eu iria fazer Engenharia, então vim para fazer, foi quando teve o primeiro cursinho prévestibular, aqui da Universidade Federal de Goiás, ele funcionava na Rua 20, onde era a antiga Faculdade de Direito, então o Direito funcionava de manhã e à noite, e à tarde funcionava o pré-vestibular da Universidade Federal e os professores eram todos os alunos da Universidade Federal. Então o curso era bem puxado. Mas aí antes de eu prestar o vestibular para Engenharia, eu passando pela a Praça dos Bandeirantes eu vi lá uma propaganda junto com a bandeira do Estado de Goiás, uma propaganda no Banco Real, que estava aberto as inscrições do curso de monitores de Educação Física na ESEFEGO. Aí eu peguei o endereço e não tive dúvida. Pelo endereço eu fui bater lá e fiz a minha inscrição, prestei o vestibular para época foi bastante concorrido, eu tenho a impressão que nós éramos uns 150, porque eram 50 vagas, 25 masculino e 25 feminino, na época já era dividido entre feminino e masculino. (Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008)*

*Em 1963, eu me casei, em janeiro, com o Tomaz Aquino Gonçalves... E o Tomaz, como jogador de futebol, ele preferiu fazer o curso de Educação Física, lá, e incentivada por ele eu fui fazer o curso infantil, na Escola Superior de Minas Gerais de Educação Física. Havia o curso infantil e o curso normal, e o curso infantil era muito mais procurado porque ele era de um ano só e os professores de sala de aula aprovados para o curso era, dispensados do trabalho para fazerem o curso e eram remunerados da mesma maneira. Então foi esse o curso que eu escolhi e foi aí que eu descobri, como era bom fazer exercícios físicos, assim orientado, porque antes eu não fui uma atleta, na minha infância, na minha mocidade, e fiz então o curso de Educação Física, e no final de 63 nós nos formamos, eu no curso infantil e meu marido e meu cunhado no curso superior, e eles vieram para cá para em Goiânia para dar aula na ESEFFEGO... Ele jogou no Atlético Mineiro, onde foi pentacampeão, ele foi um jogador de muito nome em Belo Horizonte, tanto que era chamado de “homem Gol”, de tanto gol que ele fazia, jogava no ataque, ele foi tri, tetra e pentacampeão do Atlético Mineiro. Nesta época eu não o conhecia, não ligava para o futebol nessa época; (Entrevista concedida pela professora Sônia Marilia em 22/08/2008)*

As entrevistas realizadas apontam também uma representação significativa de uma

memória vinculada a algumas características importantes do esporte de rendimento, tais como dor, sofrimento e beleza. Sobre essa marca do vestibular, o professor Joaquim Rezende relata:

*Olha, um negócio interessante, a marca da ESEFEGO ficou em etapas diferentes, primeiro o vestibular, o vestibular foi no Estádio Olímpico, ainda tinha o gramado que hoje não existe mais. Então tinha uma pista de atletismo ali então foi ali que nós fomos fazer a prova prática, tinha a prova escrita e a prova prática, o vestibular prático era uma corrida de resistência e uma corrida de velocidade. Para esse vestibular, não tínhamos preparado fisicamente, alguns que eram desportistas, que já praticavam esportes, mas não eram aqueles sistemáticos, então achava que estava bom. Foi um Deus nos acuda no final da corrida - um tanto de gente passando mal, vomitando, porque o esforço foi muito grande, porque todo mundo queria uma boa classificação, queria passar, ninguém, não queria perder a chance, não queria perder a vaga. Então ficou uma marca na gente, foi uma vaga conseguida no sofrimento, então isso marcou. Gente, eu consegui essa vaga aqui, na prova prática, o Laércio Milazio foi o primeiro colocado e eu fui o segundo colocado, nós ficamos em primeiro e em segundo, eu e Laércio. (Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende no em 19/12/2008)*

A lembrança da superação que alcançaram nos testes práticos do vestibular revela um ideário de professor de Educação Física que atenda à cultura atlética de corpo.

O modelo de corpo mostrado na imagem em anexo foi apresentado pelo professor Inezil Pena Marinho que foi considerado pelos entrevistados como um dos professores referência do curso da primeira turma da ESEFEGO. Segundo o modelo de homem representado na imagem aponta um homem completo, aquele que se assemelha ao Deuses gregos, puros, fortes. Por isso a necessidade dos sofrimentos físicos, sofrimentos que são tratados como uma purificação, um castigo necessário para atingir um estágio de perfeição física e moral.

Compreendendo ainda as representações feitas pelos entrevistados, outros pontos importantes foram incluídos nas categorias de análise deste trabalho: a imagem do professor Inezil Pena Marinho, como a de um professor que trouxe para o curso um novo significado de Educação Física brasileira de ciência; o uso e gosto pelo uniforme e também a experiência com o lanche na Escola.

Para melhor esclarecer essa representação que os alunos construíram sobre o professor Inezil Pena Marinho, trechos de duas entrevistas seguintes relatam um pouco da relação estabelecida entre os alunos e o professor.

*A passagem dele? Que ele, como eu posso dizer? Ele era uma figura espetacular, uma figura simpática, ele não se vangloriava dos títulos que tinha, porque ele era professor lá da Escola de Educação Física do Rio de Janeiro, entendeu? Era um professor... um verdadeiro poeta, tinha escrito livros, já vários livros escritos é... Então, é um professor espetacular, de nome internacional, e ele vinha dar aula para nós? Com toda a simpatia, com toda a cultura, ele vinha de Brasília todo sábado, durante três anos, ele vinha, vinha de Brasília, chegava na ESEFFEGO, na porta da ESEFFEGO, entrava lá dentro, dava aula para a gente e logo em seguida, terminava a aula, porque eram duas aulas só, isso pela manhã, e voltava para Brasília. Isso durante três anos, uma figura que nos transmitia os conhecimentos espetaculares. Muito bom e dignificou muito o nosso curso. E na época, nós da primeira turma, nós o convidamos para ser o nosso paraninfo.*  
*(Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008)*

Valorizando o seu entendimento sobre a pesquisa e a ciência o professor, Inezil, comprehendia o sujeito que mantém os seus desejos controlados nas diferentes situações, resolvendo sempre as situações problemas da sua vida, pode ser considerado um sujeito autônomo, senhor de todos os seus atos. Considera-se ainda, que essa conquista não é fácil, mais uma vez atingida, traz ao sujeito uma felicidade indiscutível. Dessa forma, o projeto de Educação Física aqui discutido, traz uma sugestão para atingir essa alegria de viver: “E o melhor meio de educar a vontade esta na prática sistematizada de exercícios físicos”. ( MARINHO, 2005, 22), comungando com esses preceitos de Educação Física o professor Joaquim Rezende pontua: do professor Inezil *“Ele era um estudioso e fazia a prática, fazia os exercícios dele e praticava os levantamento de pesos dele, naquela época se chamava levantamento de peso não era musculação.”* (Entrevista cedida pelo professor Joaquim Rezende no dia 19/12/2008)

Seguindo a análise das categorias escolhidas, o uniforme foi outro ponto ressaltado por todos os entrevistados desta pesquisa. Segundo a professora Sônia Marilia, os alunos possuíam um uniforme para chegar e outro para praticar as atividades na escola. Ao saírem as alunas vestiam saia e blusa azul, e para fazer os exercícios nas aulas práticas, uns calções de tecido azul com elásticos nas pernas. *“parecia uma paçoquinha”*, as blusas eram brancas, branquinhas, o tecido usado para a blusa era a tricoline – que sujava muito – e para a aula de natação, um maiô azul, que era a cor da Escola. Sobre o uso e o rigor do uniforme, o professor Dalmo esclarece:

*Ah, o uniforme... O nosso uniforme era um exemplo! O nosso regime, em decorrência da disciplina militar que nos foi imposta pelo Capitão Rezende de Queiroz. Ah... Ah... era uma turma disciplinada, era quase militarizado, entendeu? Nós tínhamos que vir de terno, como eu posso dizer? É um paletó sem manga, as moças vinham de taillerur, e os meninos eram de uniforme, sapato, cabelo cortado, e todos os dias a primeira coisa era apresentação, era feita a chamada*

*de turma, lá todo mundo se apresentava, quem não tivesse dentro dos conformes como manda o regulamento, tinha que sair da turma, mas a turma era muito disciplinada, não tinha briga. (Entrevista concedida pelo professor Dalmo Teixeira em 14/10/2008)*

Além do uniforme tradicional, foram introduzidas também as chamadas malhas, que foram um fato de muita inovação não só na escola, mas principalmente na sociedade, pois esse novo modelo de roupa ainda não era muito aceito por marcar muito as formas do corpo. As malhas foram lançadas pela professora Terezinha Ribeiro que ministrava aulas de ginástica rítmica, as trouxe de Belo Horizonte. “As malhas de ginástica que essa professora introduziu. Era o uniforme dessas aulas, a malha era preta, coladas, cavadas ou de mangas de manguinha e decotes. Com ou sem meias”. (Entrevista concedida pela professora Sônia Marilia em 22/08/2008)

**Imagen 20**



**Fonte:** acervo pessoal da professora Conceição Viana (1972)

Esta foto mostra corpos femininos e masculinos bem delineados, assimétricos e atléticos. Todos eram alunos da ESEFEGO, e a adesão à mostra dos corpos com malhas de ginásticas e o peito nu dos homens demonstra um traço do conceito estético apontado no curso, um modelo de corpo cultivado.

Na imagem vinte em anexo pode-se ver como eram utilizadas as malhas de ginástica nas aulas práticas feminina, logo a imagem 22 demonstra outro modelo de malhas, utilizadas nas apresentações públicas de ginástica masculina. A possibilidade de mostrar o corpo mediante poucas roupas atende princípio conceitual do tema ginástica, “a arte de exercitar o corpo nu” (Coletivo de Autores, 1992, p. 76) Dessa forma o propósito em colocar o corpo de fora, diferentemente da prática da ginástica com uniformes tradicionais já demonstrado em imagens anteriores em apresentações de ginástica. As exposições das formas corporais eram mais do que o lançamento novos de modelos de roupas, mais sim, uma proposta metodológica de ensino, destacando as correções posturais, análise da simetria dos corpos, composição e execução dos movimentos, etc.

O lanche foi uma marca que ficou na memória dos alunos e, segundo o professor Joaquim Rezende, o lanche “era uma delícia, cada dia era um lanche, tinha rabanada, tinha maçarão com carne moída, tinha pão com queijo, pão com presunto, pão com carne moída, pão com goiabada [...] e às vezes você chegava em casa e nem almoçava

[...]"(Entrevista concedida pelo professor Joaquim Rezende em 19/12/2008) Portanto, falar sobre a construção da Educação Física em Goiás consiste discutir o conceito de corpo da época da criação da primeira escola superior de Educação Física do Centro-Oeste.

Nesse trabalho o conceito de corpo passa pela discussão da construção da cidade que é marcada pelos indivíduos que a construíram que trazem consigo marcas inscritas corporalmente e essas se transformam em repertório singular que são construídas historicamente através dos desejos vindo do outro, tornando-o a representação mais fiel da cultura. Por isso ao falar do corpo estamos falando sobre a própria construção das diferentes sociedades e Instituições.

Apresentarei também aqui, para finalizar este capítulo o corpo como a

representação dos desejos dos sujeitos envolvidos na construção de uma cidade. Dessa forma o corpo é considerado a menor engrenagem da estrutura social.

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados a sua conduta, ele é o emblema aonde a cultura vem escrever seus signos como também seus brasões. ( VIAGARELLO, apud, SOARES, 1998, p. 19)

As idéias traduzidas em gestos demarcam as relações sociais que representam também as mais diversas transformações sócio-históricas da cidade de Goiânia. A construção da capital do sertão traz na sua história um corpo que não se fez omissos, garantindo a sua inserção social mesmo diante da contradição apresentada pelas condições que a cidade lhe apresenta. O corpo representa não só um sujeito mas despertam múltiplos sentidos, olhares, teorias, interações de saberes, falar sobre ele é mexer em um campo que ainda pode se considerar um campo reservado.

# 3 EDUCAÇÃO DO CORPO: SAÚDE, HIGIENE, RAÇA E MORAL

Reconhecer a história da educação do corpo não é listar os principais métodos e técnicas ao longo de um tempo linear. Primeiro porque esta história é múltipla e plural, atinge diferentes áreas do saber. E segundo porque se trata de relações macro e micro-sociais.

O século XIX, em especial na Europa, é considerado considerado um marco importante para a educação do corpo na história da humanidade, uma vez que nesse período ocorreram mudanças significativas na sociedade. A consolidação do Estado burguês cria contradições sociais e subjetivas, deslocando o sujeito para o centro dessa nova relação.

Para manter a sua hegemonia, a burguesia necessita, então, investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. A construção desse homem novo, portanto, será integral, ela cuidará igualmente dos aspectos mentais, intelectuais e físicos. (SOARES, 2001, p. 5)

Segundo Soares (2001, p. 6), a Educação Física se consagra como “a própria expressão física da sociedade do capital” (p. 06). Nos gestos padronizados e disciplinados, o corpo se faz ator principal de um ideário de homem autossuficiente, desprovido de preguiça, imoralidade, indolência e letargia, e esse novo sujeito se torna o centro das discussões médicas, pedagógicas, familiares e sociais.

Nesta imagem alguns corpos estão em situação de ócio, num claro contraste com os que encontram-se trabalhando. No canto superior esquerdo, pessoas nas casas dialogam umas com as outras; quase não há delimitação entre casa e a rua, conferindo um quadro bastante comunitário e recreativo. Em meio a esta mistura de trabalho e ócio, algumas crianças brincam com bolas e outros brinquedos populares, expressando qual modelo de corpo estava previsto, o corpo voltado para o lazer, e não para o trabalho.



Fonte: Pieter Bruegel - renaissanceguy.files.wordpress.com / Acesso em /2008/02)

A imagem 21 em anexo do pintor Bruegel, no século XIV, mostra como um corpo descomprometido com o trabalho, precisa ser remodelado para atender às novas demandas sociais. Assim, a Educação Física, ainda conhecida como Ginástica, desenvolveu procedimentos para ressignificar esse corpo tratado na imagem, mediante métodos e aparelhos que corrigissem formas e conteúdos.

Em toda a sua extensão desta imagem vem-se crianças brincando com jogos populares: e em destaque, na parte inferior da figura crianças brincam com arcos e gangorras, aparelhos que ainda hoje são instrumentos utilizados nas aulas de Educação Física, em especial na ginástica. Vale ainda ressaltar, também na parte inferior, o corpo sendo o próprio objeto das brincadeiras, como mostram os dois adultos carregando uma criança na cadeirinha feita com seus próprios corpos.



**Fonte:** Pieter Bruegel, Jogos ingantis (1560) – [renaissanceguy.files.wordpress.com](http://renaissanceguy.files.wordpress.com) /Acesso em 2008/02)

Dessa forma, corpo será considerado a menor engrenagem da estrutura social.

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema aonde a cultura vem escrever seus signos como também seus brasões. ( VIAGARELLO, apud, SOARES, 2001, p. 19)

Com esse referencial social, a Educação Física entende que “o corpo humano era considerado um microcosmo vivendo no seio do macrocosmo” (SANT’ANNA, 2001, p. 3). A uma educação corporal que antecede o século XIX, tinha como princípio a divisão do corpo em duas esferas: o corpo individual<sup>8</sup> e o corpo social<sup>9</sup>, ambos pautados por

---

<sup>8</sup> O corpo individual, como unidade produtiva, máquina menor da engrenagem da indústria capitalista, passa a ser então um mercadoria [...] será um objeto socializado pelas novas relações de produção, um instrumento a mais que deverá sermeticulosamente controlado para ser útil ao capital”. ( SOARES, 2001,

sociedade influenciada pelo conceito científico natural e biológico, o positivismo, doutrina que entende a sociedade como uma estrutura natural, ou seja:

A abordagem positivista de ciência, pautada por este modelo do conhecimento, vai produzir um conjunto de teorias que passarão a justificar as desigualdades sociais pelas desigualdades biológicas, e, como tais, “desigualdades naturais”. Uma vez abstraído o elemento histórico-social na determinação do sujeito que conhece, o que resta é um ser determinado pelas leis biológicas e cujas relações humanas não vão além daquelas que estabelece a própria natureza. (SOARES, 2001, p. 8 - 9)

Os métodos científicos de ginástica<sup>10</sup> portanto demonstra a educação corporal

---

<sup>9</sup> O corpo social é apresentado por SOARES (2001), é a expressão gestual do capitalismo, a disciplina do corpo passa a ser a referência de saúde associada ao novo modelo de trabalho fabril e metódico das novas cidades.

<sup>10</sup> A ginástica, considerada, a partir de então, científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial, apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando, assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status. À essa feição médica, soma-se outra à ginástica: aquela de ordem disciplinar, a disciplina era algo absolutamente necessário à ordem fabril e à nova sociedade.” ( SOARES, 2001, p. 52)

recomendada para homens e mulheres no século XIX visão que, influencia a Educação Física até os dias hodiernos.

A Educação Física, sob a égide da sociedade naturalista e biologizada, será desenvolvida como educação do corpo físico, sob a crença de que a construção do homem novo passava pela construção de mudanças de hábitos corporais, familiares e morais da

---

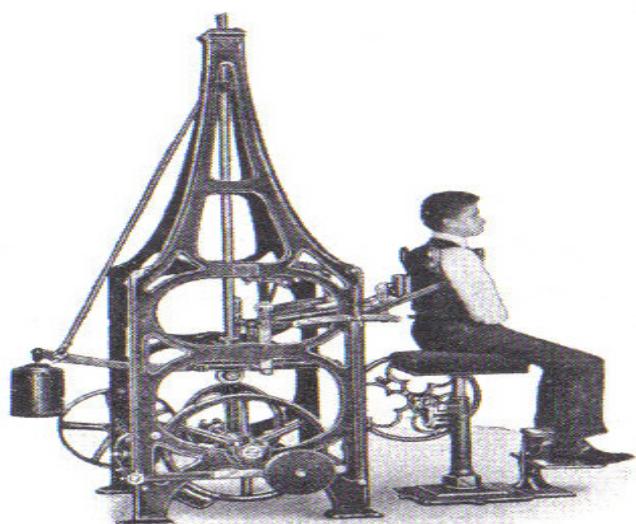


Fig. 29 - Aparelho Zander para extensão da coluna vertebral e para respiração provocada.

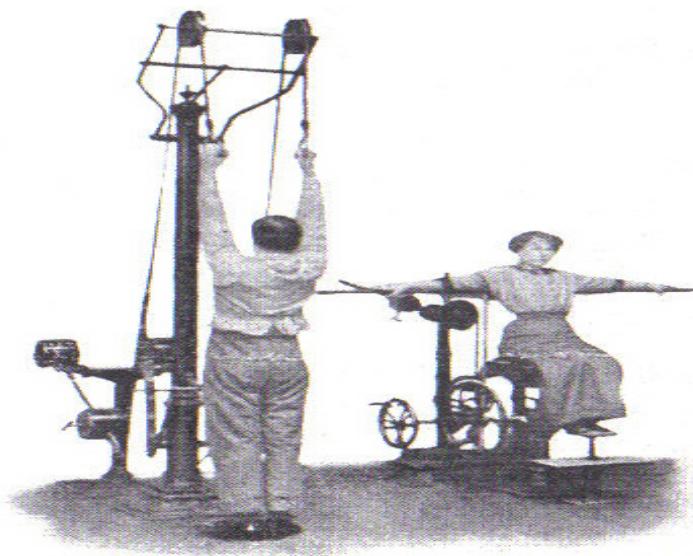
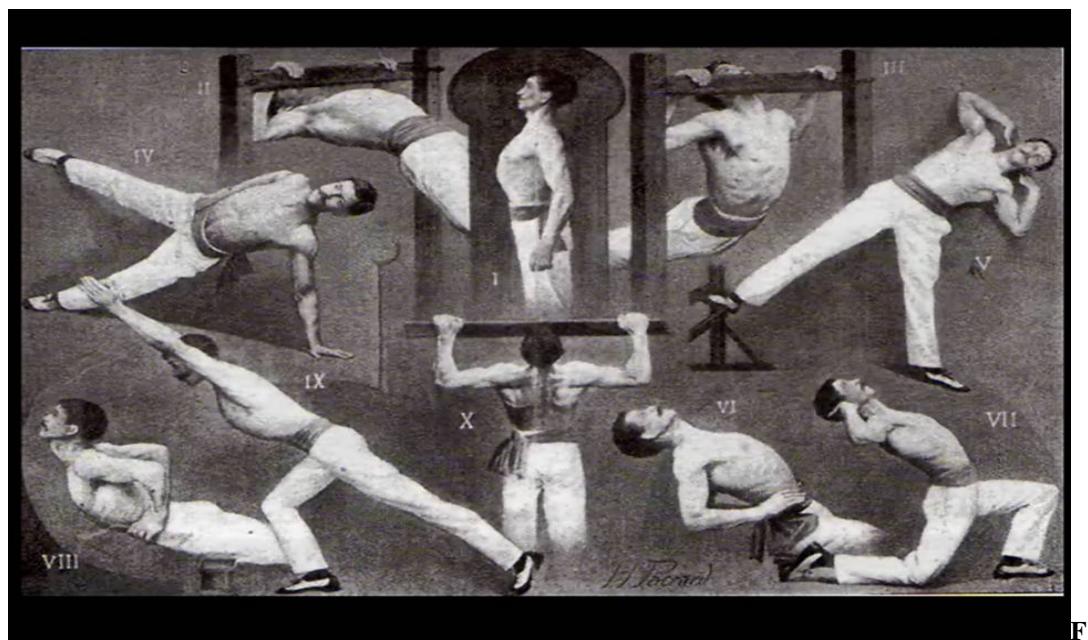


Fig. 30 - Aparelho Zander A<sup>3</sup> e A 5/6 para a extensão e a flexão de braços e a abdução.

sociedade. Portanto investiu-se na educação corporal como base das mudanças orgânicas em prol do nascimento de uma nova sociedade.

Esta imagem mostra engrenagens com as quais se modelava o corpo, com o intuito de estabelecer um novo ideário de corpo tanto no que diz respeito à sua composição anátomo-fisiológica, estética e moral. A imagem 22 mostra como o corpo era remodelado com aparelhos que mais pareciam máquinas de tortura corporal do que aparelho cinesiológico preparado para correção de postura de homens e mulheres da classe burguesa. Assim como na Europa, o Brasil construiu um modelo de Educação Física sob a influência de duas importantes instituições: a médica e a militar. Em diferentes momentos da história, essas duas instituições delinearam esse campo de conhecimento e imprimiram um valioso poder de ação e interferência na caracterização da área tanto nos processos educativos quanto sociais.

### Imagen 23



**Fonte:** livro *Imagens da Educação do Corpo* (SOARES, 2005, p. 101)

**Imagen 24**

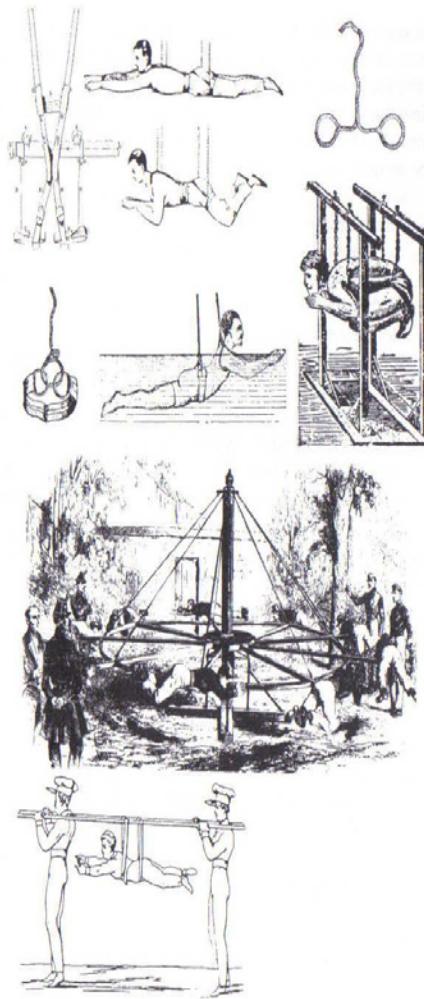


**Fonte:** Treinamento corporal - livro Imagens da Educação do Corpo ( SOARES, 2005, p. 103)

Nas imagens 23 e 24 viu-se formas de modelar o corpo com auxílio da ginástica científica, e por esse motivo ela é difundida como a cura de todos os males. Na imagem de

27 vimos o vigor e a força física proposto pelo conceito de corpo anátomo-fisiológico. Enquanto a imagem 24 traz, exercícios parecidos, mas executados com delicadeza e pouca amplitude, diferenciando-se dos exercícios masculinos. Apresentados como modelo de corpo saudável, tanto para homens como para mulheres, esses exercícios demonstram o projeto de higienização da sociedade.

### Imagen 25 e 26

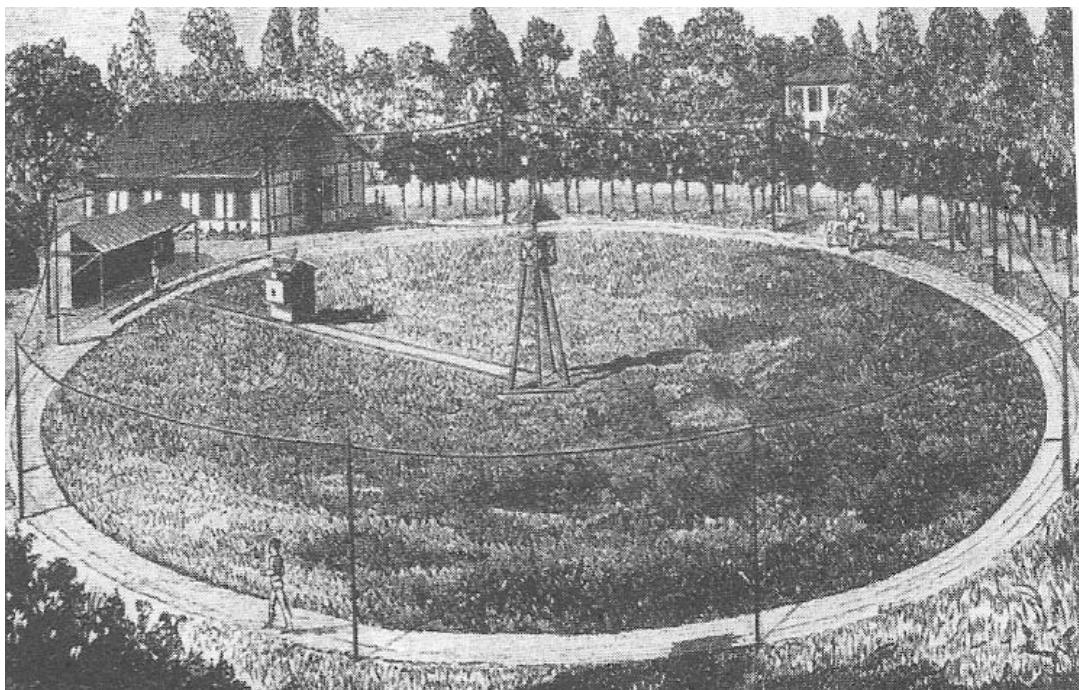


**Imagens 24 e 25 -Fonte:** Adestramento de corpos - livro Imagens da Educação do Corpo (SOARES, 2005, p. 30 e 66)

A Imagem 24 traz uma situação de tratamento para a coluna. Junto com médicos, o

professor de ginástica prepara os corpos em aparelhos ortopédicos pouco confortáveis, e segundo o métodos um tanto rústicos,a aparência dos aparelhos construídos em 1868 lembram um castigo corporal. Na imagem 25, outros aparelhos fabricados para o ensino de natação e diversos estágios do ensino ambos colocavam os corpos em suspensão, característica que indicava o avanço tecnológico da ciência.

#### Imagen 26



**Fonte:** espaço de praticar ginástica ao ar livre - livro *Imagens da Educação do Corpo* (SOARES, 2005, p.89)

A imagem mostra um espaço apropriado para a prática de ginástica na Europa na década de 1920. No centro do campo funcionava um aparelho construído por engenheiros biólogistas para aperfeiçoar o adestramento corporal promovido pela ginástica; do lado esquerdo, um galpão, onde eram ministradas as aulas de ginástica nos dias frios ou de muito calor.

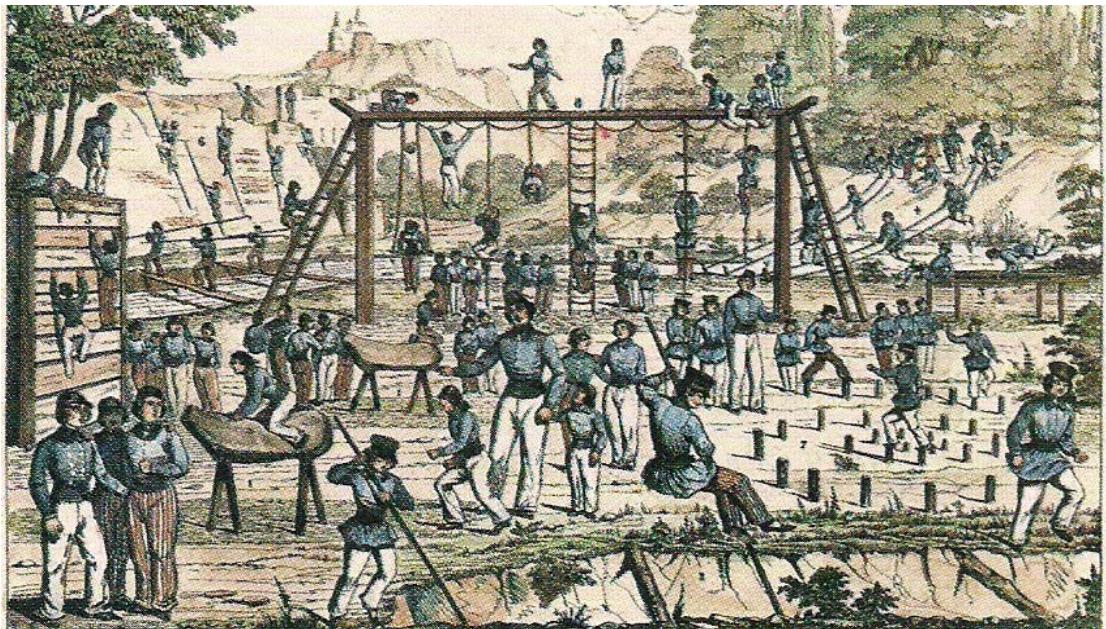
### Imagen 27



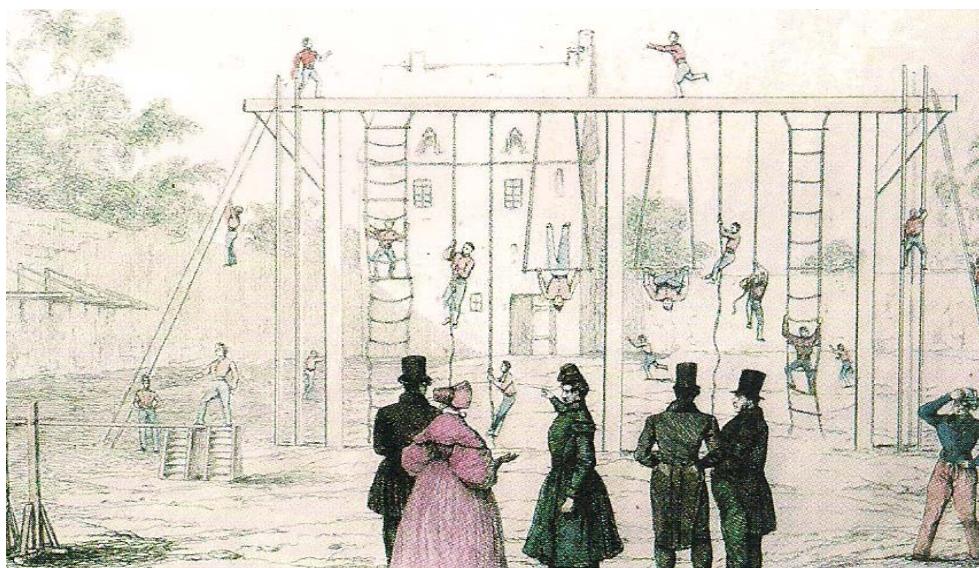
**Fonte:** Primeiro Ginásio de ginástica construído em Santa Catarina (1920)  
[www.ufrgs.br/prorextmostra\\_virtualarq10456\\_1/](http://www.ufrgs.br/prorextmostra_virtualarq10456_1/) Acesso em 14/02/2009

Esta imagem mostra a estrutura física do primeiro ginásio de ginástica de Santa Catarina, cuja dimensão é consideravelmente grande para a época. Grandes janelas garantiam a ventilação adequada para a prática dos exercícios físicos prevalecendo assim, os princípios dos métodos europeus.

### Imagen 28



Fonte: *Imagens da Educação do Corpo* (SOARES, 2005, p. 5)



Fonte: *Imagens da Educação do Corpo* (SOARES, 2005, p. 5)

As imagens 26, 28 e 29 traz um dos espaços reservados para exercícios ao ar livre, criado na Europa no século XIX, com objetivo de adequar o meio ambiente as práticas corporais da ginástica.

No Brasil, essa prática de educação corporal chega durante o século XIX. A ginástica era entendida como hábito saudável e como parte de uma educação higiênica prescrita pelos médicos como receita, que deveria estender a tese da formação de hábitos saudáveis a toda população do país. Esses cuidados seriam indispensáveis, sobretudo, para a vida escolar. Quando não fosse possível, dadas às situações climáticas, era sugerida a ginástica sueca desenvolvida por Ling<sup>14</sup>, por atender mais adequadamente as exigências do clima, à educação corporal e aos princípios morais e higiênicos.

Um modelo de ginásio coberto destinado à utilização da prática da ginástica, construído no ano de 1920, em Santa Catarina. Esse ginásio representa a adequação dos espaços físicos para Educação Física atendendo às condições climáticas de cada região do país.

Nas imagens 28 e 29, encontramos um novo proposta de locais apropriado para a prática da ginástica na Europa apresentado por teóricos como Demeny, Amoros e outros. Nessa concepção de ginástica científica, a forma e o conteúdo desse conceito de educação corporal surgiram em detrimento de alguns movimentos existentes na Europa, promovidos por artistas circenses e funâmbulos.

Os espaços ao ar livre apropriado para a prática da ginástica são apresentados na imagem acima, como um dos mais sofisticados, tecnologicamente, para o uso orientado da ginástica científica. Esses locais eram utilizados por pessoas jovens fisicamente ativas, pois as atividades de educação corporal ali aplicadas requeriam aptidão física. As atividades eram compostas de exercícios de escalar, saltar, correr, lançar e equilibrar, dentre outros.

Nesses contextos podemos ver a representação de uma educação corporal sistematizada, influenciada pela cultura militar e desenvolvida segundo métodos europeus. Isso pode ser constatado pelos uniformes e exercícios físicos que no século XXI continuam sendo utilizados nos quartéis e em algumas escolas do Brasil.

A nova ginástica científica contava com um novo modelo de racionalidade, no qual o corpo não poderia servir apenas a experimentos estéticos e culturais; a nova base

Segundo Soares (2001) Pehr Henrick Ling criou a ginástica sueca com o objetivo de desenvolver um método científico de ginástica capaz de analisar o corpo humano de forma

racional e pedagógica a proposta consistia em 4 partes: a) pedagógica ou educativa; b) militar; c) médica e ortopédica; d) estética.

cultural passava pelas simetria, precisão, disciplina e, principalmente, pela moralização, buscada e encontrada na ciência cartesiana. :

Torna-se necessário sublinhar que, mesmo com toda a força que emana das propostas que inscrevem a ginástica científica como protagonista oficial das práticas corporais, sobrevive à concepção de corpo do realismo grotesco no circo, na feira, nas várias formas atuais do cômico. Lugares onde ainda é possível apreciar o acrobata executando um equilíbrio invertido (parada de mãos) como uma grande calculada brincadeira com o corpo – um movimento encarnado na vida e do qual ele parte para outras e mais ousadas peripécias corporais. No mundo da ciência e da técnica esta mesma ação receberá um tratamento meticoloso e visará a realização de objetivos tais como o desenvolvimento da força dos membros superiores e da caixa torácica, ao mesmo tempo em que deverão ser enaltecidas a coragem, a vitalidade e a força de caráter. Sua finalidade será, sobretudo, de utilidade: formar o homem forte que produza mais com o menor gasto de energia. (SOARES, 2005, p. 61)

Gestada no berço europeu, a Educação Física traz para o Brasil as teorias européias para a organização de um novo conceito de corpo, de sociedade e de cultura. Em nome dessa sociedade então emergente, o corpo é o alvo principal de uma educação promotora da saúde física e mental, no país a partir da segunda metade do século XIX.

Com o crescimento das cidades no Brasil, a ciência é prioridade no projeto social para o país, pois nesse momento, apesar dessa nova ordem social, o país ainda estava vinculado às suas origens - à estrutura colonial e, com isso, as cidades ainda não possuíam infra-estrutura suficiente para abrigar essa crescente população urbana.

Esse quadro atinge não só a classe trabalhadora periférica, mas também as famílias da classe alta, pois, com o aumento da população urbana e a falta de estrutura começaram a ocorrer inúmeros problemas sociais em relação à saúde, ao saneamento, à higiene e à educação.

No seio da sociedade brasileira surgiam epidemias, enquanto a violência se alastrava. Na tentativa de se preservar a população, em especial a elite, foram criados projetos para debelar esse quadro de instabilidade. Como aponta Soares (2001, p. 71): “A medicina social, em sua vertente higienista, vai influenciar e condicionar de modo decisivo a Educação Física, a educação escolar em geral e toda a sociedade brasileira”.

O sistema educacional vigente, concebido segundo conceitos instrumentais, associava a Educação Física à educação sexual, desenvolvendo em homens e mulheres um desejo de reprodução vigilante da pureza, da saúde, da moral e dos bons costumes.

Portanto, a ginástica traduz um pensamento médico higienista.

Essa educação física, que incluía os exercícios físicos sob forma de ginástica, pensada pelos médicos, só poderia ser desenvolvida a contento, se os Colégios que lhe reservavam espaço considerável fossem reorganizados. Eles não poderiam ser um prolongamento da desordem familiar e, muito menos ainda, o espaço de reprodução das idéias dos pais sobre a educação de seus filhos. (SOARES, 2001, p. 76)

Na segunda metade do século XIX, foi desenhado para o Brasil um projeto de Educação Física cujos contornos só puderam ser visualizados em forma de ação no início do século XX. Em nome da saúde, da ordem social e do progresso, o projeto de educação do corpo para o Brasil começa a ser praticado em diferentes áreas, tendo como foco central a civilidade.

Nesse contexto, a medicina higienista, mediante suas atuações sociais e discursivas, aponta um ideário de educação corporal no seio da sociedade brasileira. garantir às classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e, através dela, a formação de hábitos morais. É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar hábitos. (SOARES, 2001, p. 11)).

A higiene ocupa um papel importante na legitimação da Educação Física brasileira, em especial na sua atuação escolar. Essa preocupação higienista está nos pensamentos de autores como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, dentre outros. A ginástica nas escolas ainda possuía um caráter de moralização e um dos princípios dessa moral era a divisão das aulas de Educação Física por gêneros.

A imagem 35 ilustra uma aula de ginástica científica para mulheres no sistema escolar. Nela pode-se observar a prática da ginástica feminina com o uso de aparelho arco, um modelo de atividade específica para mulheres. O corpo ainda está todo coberto pelos uniformes e os movimentos, apesar do uso do aparelho de ginástica, ainda trazem na sua essência a suavidade dos gestos apropriados para o sexo feminino.

No capítulo anterior já foi dito algumas contribuições feitas por Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, esses dois teóricos conceituados em diferentes áreas do conhecimento ajudaram muito para a consolidação da Educação Física enquanto área de conhecimento científico e cultural no país, tendo em vista, que as suas ideias repercutiram na Educação Física em períodos históricos diferentes. Os seus tratos conceituais marcaram a Educação Física durante muitos anos no Brasil e quiçá até hoje.

Como grande parte de intelectuais, cada um a seu tempo Rui Barbosa e Fernando

Azevedo sofreram forte influência da cultura européia. Barbosa volta-se para as discussões muito à frente de seu tempo na Educação e na Educação Física, pois, de posse de literaturas clássicas, articulava discursos que contrapunham a forma o pensamento pedagógicos vigente. “Em vez de educar no estudante os sentidos, de industriá-lo em descobrir e pensar, a escola e o liceu entre nós ocupam-se exclusivamente em criar e desenvolver nele os hábitos mecânicos de decorar e repetir.” (BARBOSA, apud NETO e SCHEIDER, 2001, p.136)

Para Rui Barbosa, os sentidos são instrumentos fundamentais na educação humana e, por isso a Educação Física deve ser desenvolvida por especialistas que possuam conhecimento pedagógico nas áreas de didática, fisiologia e higiene. Barbosa declarou em seus escritos que “[...] no começo da vida, não há desenvolvimento perceptível, a não ser pelos órgãos do corpo [assim] é pelos exercícios dos sentidos que a primeira educação há de atuar sobre o espírito nascente” (BARBOSA, apud NETO e SCHEIDER, 2001, p. 138).

Tendo por base esses princípios de educação corporal, a Educação Física estava associada a um projeto de sociedade, que tinha como premissa construir estratégias de controle higiênico e modificar a urbanização das cidades, e cuja função era a de ser porta de entrada da modernidade no país. A consolidação do Brasil como um país industrial deixava no passado a sua essência agrícola, e por isso, investir na educação do caráter de intervenção sobre o corpo contribuiria para a assimilação dos hábitos e, principalmente para a incorporação das lições de moral. O grupo de alunos secundaristas mostrado na imagem acima que faziam parte de uma das equipes de ginástica escolar do Rio Grande do Sul na década de 1930. A disciplina, a organização e o novo conceito de homens e mulheres são representados por esses jovens na sua formação estética.

Na mesma imagem 37 vê-se uma organização estética oriunda da compreensão higienista de educação e saúde. Nessa concepção, a cor branca do vestuário se destaca, pelo fato de representar a assepsia social da sociedade.

Assim como Rui Barbosa, Fernando de Azevedo foi um dos pioneiros da implantação da Educação Física na escola. Segundo Azevedo (1960), educar o corpo físico ainda era uma prática nova na educação nacional, e a Educação Física estava relacionada com o “corpo pelo próprio corpo” (p. 18). No plano educacional, a sua proposta estabelecia para a Educação Física os seguintes objetivos:

[...] a saúde, o desenvolvimento físico, a robustez, a agilidade, a graça e a beleza, tanto das formas como dos movimentos [...] mas, em primeiro lugar, além desses fins gerais, - mentais, morais e sociais, como sejam a formação da personalidade e do caráter, disciplina, sentido de cooperação [...] ( AZEVEDO, 1960, p. 18)

Conforme esses objetivos projetados por Fernando de Azevedo, a valorização do vigor físico do povo brasileiro começa a se consolidar como proposta concreta de educação corporal no Brasil. Para que esse modelo educacional adentrasse nas escolas, tendo a Educação Física como uma disciplina sistematizada, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- 1º - Instituição de uma secção especial de ginástica em cada escola normal.
- 2º - Extensão obrigatória de ginástica e ambos os sexos na formação de professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher a harmonia das formas fáminis e as exigências da maternidade futura.
- 3º - Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas do recreio e depois da aulas.
- 4º - Equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas. (BARBOSA, apud NETO e SCHEIDER, 2001, p. 139-140)

Esse ideário de educação corporal imbuído de princípios militares e higienistas passou a compor o cenário da formação dos professores pioneiros do país. “O Centro Militar de Educação Física destina-se a dirigir, coordenar e difundir o novo método de educação física militar e suas aplicações desportivas”. (MARINHO, 1980, p.171) Em 1922 o Ministério da Guerra criou um curso provisório de formação de monitores em Educação Física, que teve papel importante para a implantação desse projeto educacional em todo o país. Todo esse processo marca o início da sistematização da Educação Física no Brasil, iniciando, assim, o desenvolvimento da Educação Corporal nas escolas públicas do país. Após muitos conflitos, em 1930 o método francês de Educação Física foi escolhido como o método oficial brasileiro e vigorou no Brasil até 1944.

Na Imagem 38, podem ser observados atletas praticando o remo, modalidade vinculada à disseminação do método francês. Essa imagem demonstra o quanto a Educação Física já começava a ser instrumento social e educativo, mas a prática de esporte só consegue expandir no Brasil com a implantação das novas escolas e dos novos currículos, nos quais estavam incluídas aulas de Educação Física e, atrelada a ela a Educação Moral e

Cívica. Portanto,

A Ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Exibe um corpo milimetricamente reformado, cujo porte ostenta uma simetria nunca antes vista. Nada está solto ou largado. Nada está fora do prumo. Este corpo fechado e empertigado desejou banir qualquer vestígio de exibição do orgânico e, sobretudo, qualquer indício de perda de fixidez, qualquer sinal de um estado de mutação. Forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma pedagogia do gesto e da vontade configurando-se, assim, uma “educação do corpo” já reconhecida como importante. Os silêncios contidos nos gestos esboçam imagens que devem ser internalizadas em posições e comportamentos. A Ginástica, com suas prescrições, enquadra-se nesta pedagogia e se faz portadora de preceitos e normas. ( Soares, 2005, p. 154 )

Segundo Marinho (s/d), o que preceitua o método francês, nas aulas de Educação Física era a fundamentação nos princípio anátomo-fisiológicos. Para as crianças, a Educação Física devia visar ao desenvolvimento harmônico do corpo, enquanto que para adultos, o seu papel seria manter e melhorar o funcionamento dos órgãos, aumentar o poder do coração e dos vasos sanguíneos, o valor funcional do aparelho respiratório, a precisão e eficácia dos movimentos, e, pelo conjunto desses meios, assegurar a saúde. “A Ginástica, como modelo técnico de educação do corpo potencializa as ações de modelagem adestramento ensinando o indivíduo, pelo corpo e no corpo, a ser um disciplinador de si mesmo” ( SOARES, 2005, p. 29)

Marinho (s.d.) entende que um método de Educação Física deve ser simples e acessível a todos, com processos variáveis e flexíveis, para se moldarem a todas as constituições. Em seu conjunto, deverá abranger:

**I – A Educação Física elementar** “pré-pubertária” destinada às crianças de 4 a 13 anos, mais ou menos; **II – A Educação Física secundária** “pubertária e post-pubertária”, destinando-se aos indivíduos de 13 a 18 anos;

**III – A Educação Física superior** (desportiva e estética), destinada aos jovens admitidos nesse grau e que podem seguir suas atividades até o declínio de sua força muscular (30 a 35 anos);

**IV – A Educação Física feminina;**  
**V – As Adaptações profissionais;**  
**VI – A ginástica de conservação,** para a idade madura (após os 35

anos).

A Educação Física não deve, pois, limitar-se a assegurar o mais perfeito desenvolvimento do indivíduo e em facultar-lhe o melhor rendimento e equilíbrio das grandes funções; deve, também e principalmente, ensinar a disciplinar os movimentos e a contrair hábitos musculares que melhor se adaptem às aplicações úteis da vida. Tal é a concepção nitidamente utilitária do método francês, cujos processos resultantes do conhecimento prático do homem em movimento visam ao desenvolvimento harmonioso e à melhor exploração de todas as qualidades físicas e morais, que constituem o aperfeiçoamento real da natureza humana. Essas qualidades são grupadas por famílias, podem ser enunciadas por meio de uma breve fórmula:

**Saúde, força, resistência, destreza, tempera de caráter, harmonia das formas.**

Marinho (s/d) ainda diz que a saúde reside no perfeito equilíbrio das grande funções, nas quais a força pode definir-se, de uma maneira geral, como toda potência capaz de produzir uma certa soma de trabalho. No homem, a qualidade da força varia segundo a forma, a natureza e o desenvolvimento de seus músculos, assim como segundo a potência do seu influxo nervoso. Vários fatores permitem avaliar a qualidade da força: a quantidade e a duração de trabalho fornecido, a intensidade e a velocidade com a qual a força exerce sua ação, entre outros. A resistência depende da integridade e do melhor desenvolvimento das funções de nutrição (compreendidos os órgãos de exercícios, em relação com a integridade e o desenvolvimento do aparelho neuromuscular)

Com isso, a Educação Física manifesta-se, de um lado, por uma luta mais eficaz contra as doenças e, de outro, por um melhor rendimento da máquina corporal e por uma melhor reparação das despesas - daí o retardamento da fadiga. A destreza se manifesta pela mais econômica utilização da força e por sua adaptação judiciosa ao trabalho a executar e a aquisição dessa qualidade repousa na educação perfeita do sistema nervoso.

O método francês, de tendências utilitárias, repudia o emprego maciço e brutal da força, que corresponde a um verdadeiro desperdício de energia. Como já vimos nas imagens acima dos atletas das diferentes modalidades. A tempera de caráter sugere energia, coragem e gosto pelo esforço, donde emanam a firmeza, a resistência, a audácia, o sangue frio, o amor pela iniciativa, pela luta, pelas responsabilidades, em uma palavra, todas as

qualidades que constituem a virilidade. A harmonia de formas sugere a energia e das proporções pode ser considerada como a resultante das qualidades precedentes; supõe, com efeito, a integridade perfeita dos órgãos, desenvolvimento muscular normal, sólida estrutura óssea, simétrica e sem desvio, flexibilidade no andar, firmeza no porte.

Segundo MARINHO (s/d) O Método Francês, para alcançar as qualidades que acabam de ser apontadas, preconiza seis formas de trabalho:

- I – Os jogos
- II – *Os assouplissements*
- III – Os exercícios educativos
- IV – As aplicações
- V – Os desportos individuais
- VI – Os desportos coletivos

Suas regras gerais para a aplicação do Método são quatro, e segui as seguintes ordens:

- 1º – Grupamento dos indivíduos
- 2º – Adaptação dos exercícios
- 3º – Atração do exercício
- 4º – Verificação periódica da instrução

Para a avaliação desse método era feita uma prova semestral com um dado grupo. A avaliação dos alunos do ensino superior, por exemplo, era a seguinte:

## **CERTIFICADO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Natureza das provas	Limite inferior (rapazes)	Limite inferior (moças)	Condições de execução
I. Corrida (velocidade)	100m em 14 segundos	50m. em 8 segundos	Efetua-se individualmente. Partida livre.
II. Corrida de resistência	1.00m. em 3 minutos e 30 segundos	400 m. em 1 minutos	Efetua-se individualmente.
III. Salto em altura com impulso.	1,25 m.	0,95 m.	Três ensaios são permitidos para as alturas seguintes: rapazes: 0,90 – 0,95 – 1,00 – 1,05 – 1,10 – moças: 0,75 – 0,80 – 0,85 – 0,90.
IV. Salto em extensão com impulso	4,5 m.	3,25 m.	Três ensaios permitidos.
V. Trepar	Uma subida em 5,50m. de corda.	Não executa.	Executar a escolha uma subida na barra a com auxílio dos antebraços, alternativa ou simultaneamente e subir 5,50m. de corda lisa sem o auxílio dos pés – partida – sentado.
VI. Lançar	5 kg. a 16 m. (soma dos resultados dos 2 braços)	Atingir um alvo quadrangular de 1m. de lado, colocado a 10m. de distância, com uma bola arremessada com uma das mãos.	Rapazes – lançar sem impulso o peso sucessivamente com as duas mãos. A distância de lançamento é calculada medindo-se o comprimento do ponto de queda sobre a base do lançamento ou sobre seu prolongamento. Três ensaios são permitidos para cada braço, não devendo o lançador tocar o solo mesmo com um pé, fora da linha do arremesso. O melhor lançamento de cada braço é anotado para estabelecer o resultado definitivo.  Moças: lançar 3 bolas com o braço esquerdo, das quais 1 colocada no alvo, e 3 com o braço direito das quais 1 colocada no alvo a 10 m.

VII. Levantar e transportar VIII. Dois <i>assouplissements</i> combinados, dos quais um executado sobre a trave.	Transporte de 1 fardo de 30 kg a 80 m.	Transporte de 1 fardo de 20 kg a 50 m.	Modo de carregamento: livre, transporte efetuado sem auxílio de espécie alguma. Tempo limite: 30 segundos. Execução de dois <i>assouplissements</i> , escolhidos pelo instrutor. Altura máxima da trave: 1,30m.
--	--	--	---

A Educação Física nessa perspectiva bio-psico-social deveria ser trabalhada considerando quatro pilares importantes para o seu desenvolvimento científico e cultural, são eles: a moral, o caráter, a educação da vontade e as questões sexuais frente em faces aos exercícios físicos.

Sendo assim, a moral é compreendida pelo autor como; moral individual e social. A moral individual são as qualidades personalíssimas de cada sujeito. A moral social diz respeito à relação entre sujeito e sociedade, e através dos seus preceitos, o sujeito constitui um uma relação harmoniosa na sua sociedade. Portanto, a moral se instaura na relação entre a social e a individual, pois a moral social teria como premissa a moral individual. Por isso que a evolução da sociedade dependia da educação moral dos sujeitos. “isso significa que se desejarmos um moral social elevada, temos de cuidar com especial carinho da educação moral de cada individuo.” ( Marinho, 2005,19)

Na construção da identidade da Educação Física brasileira, e em especial em Goiás o caráter foi à qualidade moral que traduziu em qualidade, o sentido da educação corporal. Nessa ótica, os atributos físicos adquiridos pela prática de atividades físicas sistematizada, demarcam não só seus efeitos fisiológicos e anatômicos no corpo, mas principalmente os atributos morais do sujeito, pois, só podem ter ânimo forte para a prática diária de exercícios físicos aqueles que possuírem elementos que compõem um caráter ideal. A formação desse caráter ideal delineia um ideário de corpo. Veja o que sugeria Marinho (2005):

Dentre as qualidades morais que devem ser desenvolvidas para a formação de um caráter ideal, destacam-se a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e predisposição à luta. E todas essas qualidades, indispensável à vitória do homem em embates cotidiano da vida, podem ser obtidos por meio dos exercícios físicos que, adestrando o corpo,

alucidam o espírito e, sobretudo, acrisolam o caráter. (MARINHO, 2005, p.20)

Seguindo o propósito da formação de homens e mulheres de bens a educação da vontade é o ponto de partida da Educação Física nesse paradigma. (MARINHO, 2005). Para o autor supracitado, o sujeito que mantém os seus desejos controlados nas diferentes situações, resolvendo sempre as situações problemas da sua vida, pode ser considerado um sujeito autônomo, senhor de todos os seus atos. Considera-se ainda, que essa conquista não é fácil, mas uma vez atingida, traz ao sujeito uma felicidade indiscutível. Dessa forma, o projeto de Educação Física aqui discutido, traz uma sugestão para atingir essa alegria de viver: “E o melhor meio de educar a vontade esta na prática sistematizada de exercícios físicos”. ( MARINHO, 2005, p.22)

Segundo Goellner (2003) o momento histórico de 1932, com a publicação dos primeiros periódicos da Educação Física – diferente perspectiva de educar o corpo de mulheres e de homens, cujo a energia física é observada como potencializadora e de um gesto eficiente capaz de produzir mais e com maior rapidez. O controle do corpo era em função da canalização da energia para o trabalho, considerando o corpo individual e coletivo-social.

Acrescenta Castellani Filho (2001) ao dialogar com as produções da época, a respeito da Ginástica para homens e mulheres no início do século XX, o autor acredita que o conceito estereotipado de ambos já havia sido definido, nas suas pesquisas se constata que os homens deveriam ser aptos para solucionar problemas teóricos e práticos; para isso as suas condições físicas teriam que ser especial. Já que as mulheres precisavam fazer atividades de Ginástica para buscar harmonias das formas femininas, e deveria também atingir a desempenho para o estágio maternal futuro. Segundo nos conta Catellani Filho:

A Educação Física da mulher deve ser, portanto, integral, higiênica, e plástica, e abrangendo com trabalhos manuais, os jogos infantis, a ginástica educativa, e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães ( AZEVEDO, 1920, 96, apud, CASTELLANI FILHO, 1988, p.58).

Sendo assim, a educação corporal bem sucedida está subordinada a educação da vontade, mas essa ação que é muscular é dirigida pela ação mental, ou seja, é o espírito que comanda toda a ação corporal do sujeito, por isso, que para atingirmos uma Educação Física de qualidade é preciso estabelecer um diálogo irrestrito entre corpo e mente.

A atividade Física, em especial os jogos, desperta no sujeito um mecanismo de

sublimação dos seus desejos sexuais mais primitivos. Com isso, a natureza humana pode ser domesticada através de uma válvula de segurança, uma estrutura mental, que substitui as excitações eróticas por desprendimento de energias no campo desportivos. Essas reelaborações dos instintos sexuais podem ser sublimadas por diferentes fontes, observe o que os escritos do professor Inezil nos conta:

O instinto sexual manifesta-se de varias formas e a sua manifestação pode operar das mais diversas maneiras. Há casos em que o desejo sexual se sublima com uma simples palestra, com mero aperto de mão, com uma rápida contra dança, e às vezes com a fugaz visão do indivíduo do sexo oposto que o despertou. (MARINHO, 2005, 23)

Nessa perspectiva pairava-se os olhares sobre os corpos, mediante diferentes formas assim, os olhares para o corpo feminino dialogava com a seguinte Educação Física, a sua prática deveria ser desenvolvidas a partir de alguns preceitos como afirma Neto e Scheider, (2001) a luz da fala de Rui Barbosa, ele acreditava que o atraso no sistema educacional brasileiro estava na inadequação dos métodos de ensino utilizados no país. Para Barbosa, a introdução da Educação Física no Brasil deveria consistir em exercícios militares e, para as meninas ginástica calistênica.

A imagem 36 em anexo reproduz a ginástica feminina, e chama atenção para os detalhes como a diminuição das vestimentas e a sincronia dos movimentos feitos com o próprio corpo em espaços ainda não apropriados para a prática da ginástica. A improvisação, todavia não desfazia a beleza dos movimentos apresentados.

Segundo Goellner ( 2003) ao se desenhar identidades visuais e comportamentais toma como referencia a mulher adulta, jovem, branca, saudável e de classe media, cujo as atividades de ginástica estavam vinculado a sociabilidade em espaços tidos como de predominacia masculina: rua, clube, estádio e ginásios.

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, são identificados como impulsionadores de modernização da mulher e de sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproxima do universo da densa e da prostituição. ( Goellner, 2003, p. 23)

Para tanto o corpo foi se transformando ao longo do tempo e ganhando novas formas e conceitos, segundo Silva (2001) o corpo não é mais um veiculo de experiência, e sim um campo de

segmentos heterogêneos a agenciar uma onipresença volátil, incontornável e indiscernível, lugar de exploração máxima dos limites humanos, dos limites perceptivos. O primeiro território a ser tocado, o laboratório de todas as experiências. Situando-se na interconexão entre o mundo da cultura e o mundo da natureza.

## CONCLUSÃO

No século XIX, a sociedade cria um novo paradigma corporal: do homem novo que se constitui em meio à nova sociedade que se consolida – a sociedade capitalista. A nova configuração social reflete uma nova estética corporal causada pela mudança da base estrutural, e esta dá o tom a todas as relações sociais, incluindo as macro e microestruturais. As relações de trabalho deixam de ter o caráter artesanal e rural e passam agora a ser industriais e urbanas.

As possibilidades da construção de indivíduos que atendam à nova concepção social propõem uma ressignificação do ideário de corpo, e de homem preparado para o trabalho exaustivo, exigido pelas desenvolvidas nas indústrias. O novo modelo demandava outro padrão estético, que também representasse as ideias liberais incorporadas ao comportamento de todos, dos homens, das mulheres e, inclusive, das crianças.

A ciência evolucionista desenvolveu várias teorias para consolidar essa perspectiva de sociedade e, dentre elas, a que mais interferiu na educação corporal foi a teoria da eugenia. Essa proposta científica trouxe formas poderosas de instrumentos ideológicos para justificar o domínio de uma estética corporal vinculada ao ideário de corpo limpo e reto.

a eugenia como uma ciência capaz de intervir no meio ambiente físico, vale-se dos avanços conseguidos pela engenharia sanitária, para exercer ação higiênica, educacional e sexual; através da eugenia via-se a possibilidade de adoção de medidas que vissem proteger a procriação contra a degenerescência e pela privação aos reprodutores doentes, dos meios de serem prejudiciais a raça. (SOARES, 2001, p.120 -121,)

A Educação Física brasileira surge nesse contexto socio cultural que tem a sua estruturação conceitual de educação do corpo no século XIX estendendo-se pelos séculos XX e XXI.

O desenvolvimento da Educação Física em Goiás foi sendo estruturado gradativamente, e as primeiras instituições de formação de professores para essa área localizavam-se nas grandes capitais do Sudeste e do Sul do Brasil.

Na região Centro-Oeste, a ESEFFEGO foi a primeira escola superior dedicada à formação em Educação Física, atendendo alunos de Goiás e de estados circunvizinhos.

Nesse processo de construção da dissertação, as explicações foram muitas vezes *desexplicadas*, ou simplesmente vivenciadas, e me possibilitaram construir conceitos próprios, como o que me ensinou que o corpo assume o papel de representações da cultura

vivida. A imagem pessoal do sujeito, a sua representação corporal apresenta para o mundo a incorporação do ideário vivido por ele e como ele absorveu as suas experiências.

A composição desse ideário pode ser construída pelo sujeito, a escolha das suas parcerias para ensinar ou para educar demonstra uma identidade cultural do docente e da instituição de ensino (lembrando que não existe uma única identidade, pois ela é multidimensional). Por isso, acredito que as construções do ideário corporal dos sujeitos são reflexos do multiculturalismo, que é uma vertente que nos aponta essa composição cultural de manejo das diferenças sociais. E sobre isso BURITY (2001) nos instiga com suas posições conceituais:

Falar de multiculturalismo é falar do manejo da diferença em nossas diferenças em nossas sociedades. No entanto, isto é ainda pouco para definir as implicações do termo. Pois, ele remete não apenas a um discurso em defesa da diversidade de formas de vida existentes nas sociedades contemporâneas, mas a um conjunto de aspectos fortemente ligados entre si e que carregam a marca de um contencioso: a) o reconhecimento da não homogeneidade étnica e cultural dessas sociedades; b) o reconhecimento da não integração dos grupos que carregam e defendem as diferenças étnicas e culturais à matriz dominante do nation-building nessas sociedades – após o fracasso seja de políticas assimilaçãonistas, seja de políticas diferencialistas (baseadas na restrição de acesso ou mesmo na idéia de “desenvolvimento separados”); c) mobilização dos próprios recursos políticos e ideológicos da tradição dominante nos países ocidentais – o liberalismo – contra os efeitos desta não integração; d) a demanda por inclusão e por pluralidade de esferas de valor e práticas institucionais no sentido da reparação de exclusões históricas; e) a demanda por reorientação das políticas públicas no sentido de assegurar a diversidade/pluralidade de grupos e tradições. ( BURITY, 2001, p. 1)

A experiência que o sujeito constrói ao longo de sua vida familiar, nas escolas, nas ruas, em todos os espaços percorridos, lhe dá um suporte para construir o seu referencial também de profissional. As brincadeiras, os esportes, as cores, as músicas, as suas escolhas já são de antemão influenciadas pelas escolhas dos outros, sejam pais, cuidadores, professores, avós, tios, primos, vizinhos etc.

Contudo, é importante salientar que as histórias dos outros que percorreram e percorrem a história de vida de um sujeito funcionam como um rio que encontra os seus afluentes: as histórias individuais do sujeito, vão sendo elaboradas na sua própria identidade.

Destarte, não existe identidade corporal sem memória e história, a história é o elemento fundamental para construirmos o ideário corporal, e dessa forma, podemos pensar que o ensinar pode traduzir o conceito de estética que o sujeito tem e que concretiza com o seu próprio corpo. As escolhas das combinações demonstram qual é a sua escolha estética,

pedagógica e cultural, localizando qual o seu lugar no campo do conhecimento – a sua marca está sempre presente nessa escolha profissional.

### **Imagen 30**



**Imagen 30** - **Fonte:** [www.sindhorbs.com.br/goiania/images/monumento\\_as\\_3\\_racas\\_\\_goiania](http://www.sindhorbs.com.br/goiania/images/monumento_as_3_racas__goiania) -Acesso em 01/04/09

**Imagen 31**



A imagem 30 traz o Monumento das Três Raças, instalado na Praça Cívica, foi construído em 1968 pela artista plástica Neusa Moraes que simboliza a miscigenação de negros, brancos e índios, responsável pelas características genéticas e culturais do povo goiano. Essa imagem 31 que traz alunos da ESEFEGO em uma apresentação pública de ginástica mostra também um ideário de corpo que muito se assemelha ao conceito de corpo apresentado pela artista plástica com o Monumento. Dessa forma, resta-nos refletir acerca de como a cidade influenciou a formação dos professores de Educação Física da ESEFEGO e, por outro lado, como os professores influenciaram o ideário de corpo dos goianienses.

# Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de. *A poesia do corpo ou a ginástica escolar: sua história e seu valor*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Estado de Minas Gerais, 1915.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. 2. Edição, São Paulo: Moderna, 1996.

CASTELLANI FILHO, LINO. **Educação Física no Brasil: uma história que não se conta**. Campinas - São Paulo: Papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In:LOPES, Eliane; FARIA FILHO, Luciano; VEIGA, Cynthia, (org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2<sup>a</sup> edição, 2000.

BARROS, MANOEL. **O guardadores de água**. Rio de Janeiro: Record, 2003.  
\_\_\_\_\_  
**O Livro das Ignorâncias** – 2<sup>a</sup> ed. Civilização Brasileira, 1994.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

BAUDRILLARD, Jeam. **L'échange symbolique et la mort**, 1929  
BERMAN, MARSHALL. **Tudo que é sólido desmacha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BURITY, JOANILDO. **Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo**. Trabalhos para discussões. nº107/2001 março/2001. <http://www.fundaj.gov/tpd/107.html>.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2<sup>a</sup> ed.

Campinas, SP: Papirus 1988.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA DO ESTADO DE  
GOIÁS. **Ata de reuniões** 07/10/1963.25p. a 100p.

Regimento interno. 08/10/1963.64p.

Termo de passagem de cargo. 1/10/1965. 9p.

Plano geral de ensino. 07/10/1963

FERREIRA, MARIETA DE MORAES et al. **Entre – vistas:** abordagens e usos da

história oral. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getulio Vargas, 1994, 172 p.

FERREIRA, MARIETA DE MORAES et al. **Usos & abusos da história oral.**<sup>3a</sup>

edição. Rio de Janeiro: editora da Fundação Getulio Vargas, 2000. 172 p.

FLUSSER, VILÉM. A dúvida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

FREITAS, MARIA ESTER DE. **Viver a tese é preciso!** in: A bússola de escrever:

desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. BIANCHETTI, LUCÍDIO e

NETTO MACHADO. Org. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

GURAN, MILTON. Linguagem fotográfica e informação. 3<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro.

Editora Gama Filho, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL,

George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Petrópolis,

RJ: Vozes. 2002.

GUIMARÃES, LEDA MARIA DE B. G. **Entre a Universidade e a diversidade a linha vermelha do ensino de arte.** 159p. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_LEDA MARIA DE B. G. *Variações em torno dos jogos estéticos, artísticos e pedagógicos no ensino “superior” de artes visuais*. In: Visualidade: revista do programa de mestrado em Cultura Visual. FAV/UFG. – vol. 3 n. 1, Goiânia, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, São Paulo: Loiola 1989 KRAUSS, ROSALIND. **Caminhos da escultura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro, **Goiânia: uma modernidade Possível**, Goiânia:UFG, LEITE, MARIA ISABEL. **Museu de arte: espaço de educação e cultura**. In: **Museu educação e cultura: encontros de crianças e poressores com a arte**. Campinas – SP: Papirus, 2005.

LUCÍDIO; MACHADO, ANA MARIA NETTO, ( organizadores). Florianópolis-SC: UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

MACÊDO, MAURIDES.(Et.al.).Pioneiros: compondo o passado.in:MACHADO, Laís

A. ; LIMA FILHO, Manuel F. FORMAS E TEMPO. Goiânia, GO: Cânone editorial, UCG, 2007.

MANGUEL, ALBERTO. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. tradição de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Claudia Strauch, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 358 p.

MARTINS, RAIMUNDO. A Cultura Visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas de ver. Marilda Oliveira de Oliveira (Org.), **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: editoraufsm, 2007, pp. 19-40.

Texto: cultura visual: imagem, subjetividade e cotidiano. 2004  
<http://www.cust.educ.ubc.ca/wsites/dias/UnB/VIS/Gradua%C3%A7%C3%A3o/DISCIPLINAS/STCHA%204/TRANS%20textos/RaimundoMartins.pdf>

MARX, Karl e Engels. **Critica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.

MEIHI, JOSE CARLOS SEBE BOM. Manual da história oral. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 246 p.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUA. **Pesquisa social**: método e criatividade. 6ª edição. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 80 p.

MOURA, GEOVANA FERREIRA MELO, GERALDO INÁCIO FILHO. **História oral**: recorrendo aos caminhos da memória. Caderno de pesquisa do CDHIS – UBERLÂNDIA 1º e 2º semestre V. 14 N° 28/29. 2001.

MORENO, Andrea. O rio de janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. 56 Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 55-68, set.

MITCHELL, W. **Picture Theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

OLIVEIRA, PAULO DE SALLS(organizador). **Caminho da construção da pesquisa**

**em ciência humanas.** In: Metodologia das ciências humanas. São Paulo – SP: Hucitec/UNESP, 1998.

**REZENDE,B. A formação das identidades plurais no Brasil moderno.** 83-96. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). Fronteiras imaginadas: cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

**THONPSON, PAUL. A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 385p.

**SILVA, ANA MÁRCIA. Corpo, Ciência e Mercado:** reflexões acerca da Gestação de um novo arquétipo da felicidade, Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

**SANT'ANNA, DENISE B.Prefácio.** In: SOARES, CARMEM LÚCIA. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

**SOARES, CARMEM LÚCIA. Educação Física:** raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994 \_\_\_\_\_ **Corpo e História** (org), Campinas: Autores associados, 2001 SENNETT, RICHARD. **Carne e Pedra:** O corpo e a cidade na civilização ocidental, Rio de Janeiro: Record, 2003 PALACIN, LUIS. **História de Goiás:1722-1972.** ucg publicação em 1994, goiania 6 edição 2001. p. 119

**PERPETUA. C. Intitucionalização da educação física em Goiás.** 168p. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Goiás. 2001. TRIVIÑOS , Augusto Nivaldo Silva **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** – São Paulo, SP: Atlas,1987.

## **DOCUMENTOS**

**GOIÁS**, Secretaria da Educação e Cultura, Conselho Estadual de Educação. Resolução nº. 174 de junho de 1967. ESEFFEGO, Goiânia, 1967.

**GOIÁS**, Plano de Desenvolvimento Econômico do Estado de Goiás. Governador Mauro Borges Teixeira. Goiânia, 1961: Vol. I -

GOIÁS, Análise e Estrutura Econômica do Estado, Governador Mauro Borges Teixeira. Goiânia, 1961. Vol. II.

GOIÁS, Diretrizes para 1961 à 1965. Governador Mauro Borges Teixeira. Goiânia, 1961.

RIBAS JUNIOR, Emilio Rodrigues. Mensagem à Assembléia Legislativa. Goiânia: CERNE – Gráfica de Goiás, 1965.

SIQUEIRA, Nelson. Anteporjeto de Lei – criação da Fundação Estadual de Esporte. Goiânia: Assembléia Legislativa, 1961.

TEIXEIRA, Mauro Borges. Mensagem à Assembléia Legislativa. Goiânia, 1961.

\_\_\_\_\_ Mensagem à Assembléia Legislativa. Goiânia, Departamento Estadual de Imprensa, 1962.

\_\_\_\_\_ Mensagem à Assembléia Legislativa. Goiânia, Departamento Estadual de Imprensa, 1963.

\_\_\_\_\_ Mensagem à Assembléia Legislativa. Goiânia: CERNE – Gráfica de Goiás, 1964.

